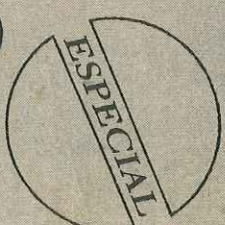


Mulher, Liberdade e Vida

Se não / 90

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA



L • E • T • R • A • S

 CAMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano I Nº 4 Brasília, 8 de março de 1993

IMPRESSO

CORALINA



Cora doceira, poeta, mãe, mulher!

Mulher do Mato, Mulher do Povo, Mulher do Mundo.

Cora Coralina foi uma das maiores poetisas que este país já teve. Seu nome completo, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, leva-nos ao subsolo dos primeiros povoadores do Planalto Central. Neste artigo, recompilação de sua tese de mestrado, a profª Marlene de Vellasco,

curadora da Casa de Cora em Goiás-Velho mostra, de uma parte, a Cora Coralina feminista, protetora das prostitutas e das lavadeiras, e de outro aspecto a Cora Telúrica - A mulher da terra, da ecologia do cerrado, do milho, da messe da natureza.

MARLENE DE VELLASCO

Casa de Cora Coralina

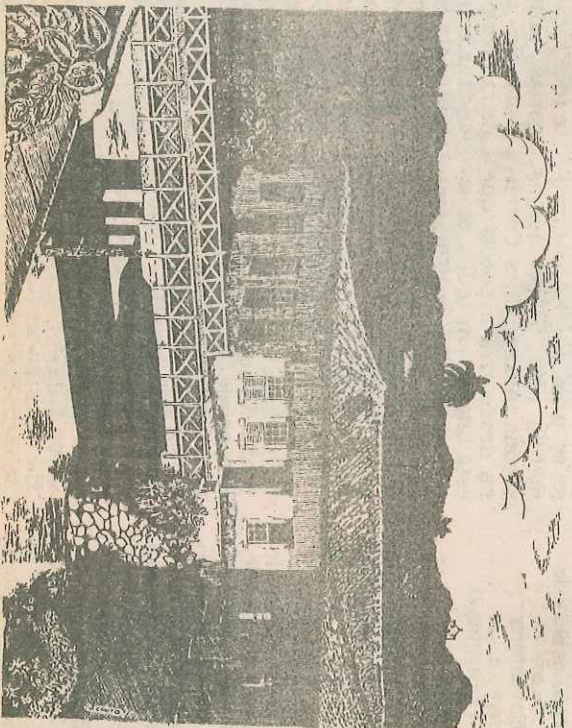
A Mulher do Povo — O engajamento literário é visto por alguns teóricos de uma forma bem dilatada, talvez como mecanismo de abolir o termo radicalizado de compromisso ou arte independente, deixando explícito ou implícito que a verdadeira obra de arte é o reflexo da história e do homem. Para Adorno, "não há um conteúdo objetivo, nem uma categoria formal da poesia, por mais irreconhecivelmente transformado e às escondidas de si mesmo, que não processe da realidade empírica a que se furta". Com isso e com o reagrupamento dos diferentes aspectos, graças às suas leis formais, a poesia condiciona seu comportamento para com a realidade. Para Cassiano Ri-

cardo, "o poema, independentemente de qualquer forma de participação, deve conservar sua autonomia que o fará responsável por si mesmo, a fim de que possa cumprir, por conta própria, o seu papel participante, na sociedade moderna", descobrindo-lhe as múltiplas possibilidades de desvelar o mundo conforme sua própria vontade e o "homem aos outros homens para que este tome, em face do objeto, assim desnudado, a sua inteira responsabilidade".

Neste sentido, podemos delinear o comprometimento de Cora Coralina ao levar para a sua poética todas as mazelas do mundo, registrando a vida degradada das personagens que povoam sua vida, tanto na terra natal, como em outras para-

gens, assumindo e denunciando de forma crítica toda a sociedade que desumaniza a pessoa. Cora Coralina traz para o texto os tipos iniciais que vivem à margem da sociedade, colocando-se ao mesmo nível deles. Ela é o próprio sujeito, é a identificação do sujeito-poeta com esse povo que anda pelo residual da vida, espoliado de uma existência digna.

que participa da miséria do outro, aliando a condição existencial à social, dizendo sem subterfúgio, sem máscara:



CASA VELHA DA PONTE — Cidade de Goiás
"Velho documentário de passados tempos", vertente viva de estórias e de lendas. Meus anseios extravasaram a velha casa. Arombaram portas e janelas e eu me fiz ao largo da vida. Vestida de cabelos brancos voltei à "Casa Velha da Ponte", barco centenário — encalhado no Rio Vermelho. Cora Coralina (Meu Livro de Cordel) Nesta casa nasceu Cora Coralina.

**Mulher da vida
minha irmã.**

Pisadas, espezinhadas, ameaçadas. Desprotegidas e exploradas. Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito

Necessárias fisiologicamente. Indestrutíveis. Sobreviventes. Possuídas e infamadas sempre por aqueles que um dia as lançaram na vida. Marcadas. Contaminadas. Escorchadas. Discriminadas.

Nenhum direito lhes assiste.
Nenhum estatuto ou norma as protege.
Sobrevivem como a erva cativa
dos caminhos,
pisadas, maltratadas e renascidas.

Flor sombria, sementeira espinhal
gerada nos viveiros da miséria
da pobreza e do abandono,
enraizada em todos os quadrantes
da terra.

Um dia numa cidade longínqua, essa mulher corria perseguida pelos homens que a tinham maculado. Afrita, ouvindo o torpe dos perseguidores e o sibilo das pedras, ela encontrou-se com a justiça.

A Justiça estendeu sua destra poderosa e lançou o repto milenar: "aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra". As pedras caíram e os cobradores deram as costas.

O Justo falou então a palavra de equidade:
"Ninguém te condenou, mulher... nem eu te condeno".

(...)
Sem cobertura de leis
e sem proteção legal
ela atravessa a vida ultrajada
e imprescindível, pisoteada, explo-
rada,
nem lhe reconhece direitos
nem lhe dá proteção.
E quem já alcançou o ideal dessa
mulher,
que um homem a tome pela mão,
e levante e diga: minha compa-
nhieira.

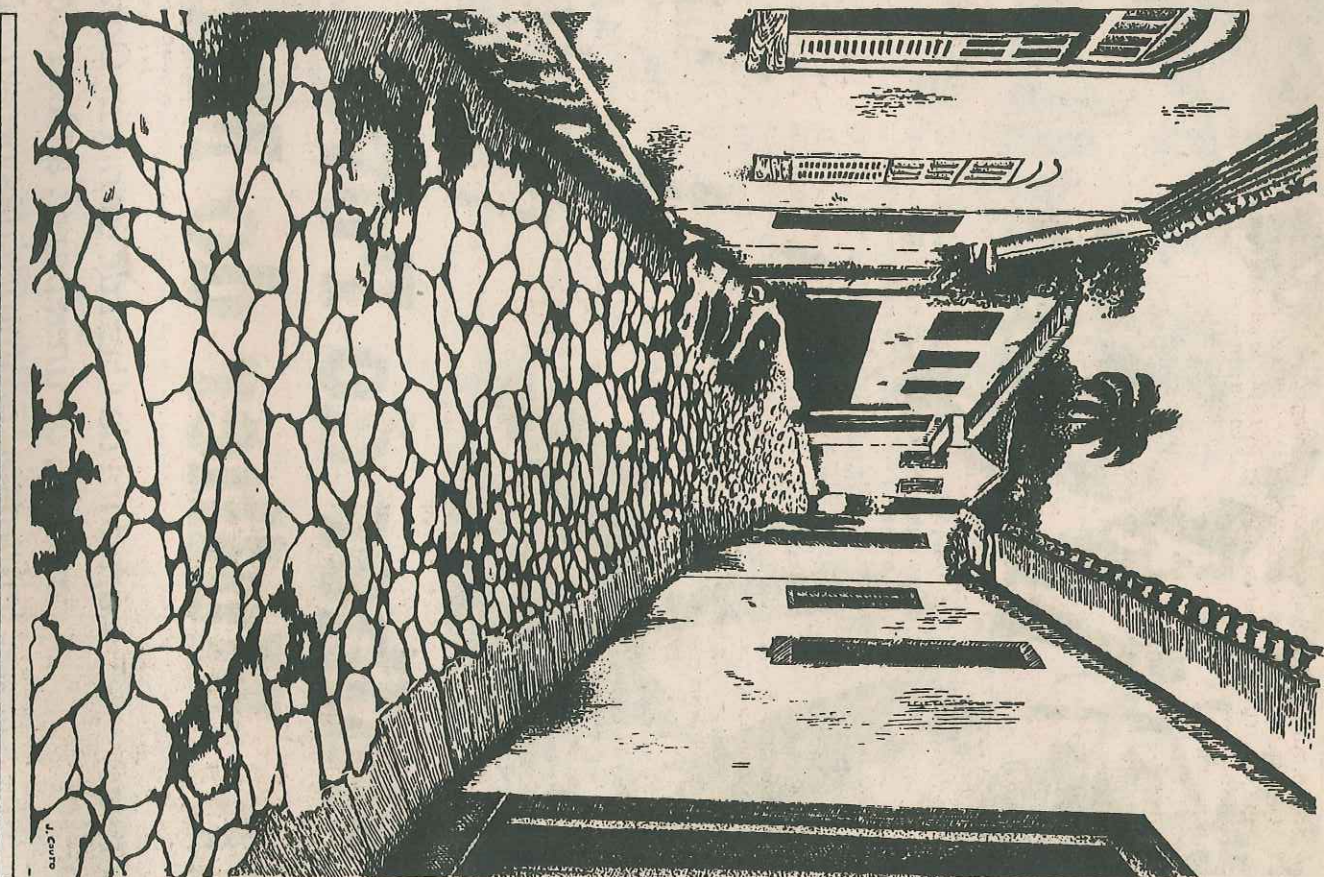
Mulher da vida
minha irmã.

No fim dos tempos.
No dia da grande Justiça
do Grande Juiz.
Será remida e levada
de toda condenação.

E o juiz da Grande Justiça a vestida de branco em novo batismo de purificação. Limpará as máculas de sua vida humilhada e sacrificada para que a Família Humana possa subsistir sempre, estrutura sólida e indestrutível de todos os povos, de todos os tempos.

Mulher da vida
minha irmã.

A leitura desse texto levou-nos ao cerne da poética de Cora Coralina. Nele há a construção de uma personagem enredada na duplicação do outro e Coramulher-da-vida, como ponto de união das essências. É a vontade da poetisa em triunfar do nada, dos escombros da humanidade, vencer a fatalidade. Ainda no contexto do poema, a interação da



**BEÇO DO
SÓCRATES.**
"Conto a estória
dos becos,
dos becos
da minha terra,
suspiros...
mal-fazidos,
Becos do
mulher perdida.
Becos do
unidade da vila".
Cora Coraêla.

sobre o sofrimento dos desprotegidos. Suas personagens não surgiram do acaso, são frutos das experiências pessoais, sublimados os percalços da sua vida, através de identificação com o outro, que se apresenta como o outro dela mesma e uma forma de atravessar as fronteiras da própria existência. Sob este prisma, nos versos do poema "Vida de lavadeira," vibra um eu consciente e assumido, pois se o poema se não se encaixa à vida, perde sua razão de ser. Por outro lado, a figura da lavadeira está diretamente relacionada a outras categorias profissionais, encardadas nas malhas da verdadeira escravidão do mundo, onde o conflito interior e a luta pela sobrevivência se acham comprometidos com o discurso do poder. As limitações e o estilhecimento do ser humano se comprovam na linguagem e na participação da poesia, na miséria de condição humana, como mostram estes versos:

Sombra da mata
sobre as águas quietas
onde as larvas
vêm dançar à noite...
Fagamos versos sem mentir
— onde batem roupa
as lavadeiras pobres

da Carioca
onde as mulheres sem marido
carregadas de necessidades
mães de muitos filhos
largadas pelo mundo
batem roupa nas pedras
lavando a pobreza
sem cantiga, sem toada, sem
alegria.

Quero escrever versos verdadeiros
Por que será, Senhor,
que a mentira se insinua
nos meus versos?
Onde vive você, poeta, meu irmão
que faz versos sem mentir?

É a partir da busca da verdade da poesia que Cora Corralina faz o questionamento sobre o mundo e a condição humana toma posição frente à realidade concreta. Octávio Paz observa que "poesia é revelação da condição humana e consagração de uma experiência histórica com certeza". Assim, para a poetisa essa participação poética é o compromisso de si mesma com o homem e sua condição social, histórica e existencial. Cora Corralina não se fecha em seu fazer poético, ela enfrenta o mundo quando o questiona. E sentimos quando ela passa da própria solidão à solidariedade. A poetisa chega a ser irônica consigo mesma ao efetuar a pergunta: "Quando você vive poeta, meu irmão, que faz versos sem mentir?"

Corá Coralina faz a pergunta às outras pessoas, mas é dela mesma que quer ouvir a resposta. Este olhar para a alteridade que a leva a questionar o compromisso do poeta com a verdade e o comprometimento com a realidade social é o que lhe permite maior aproximação com a totalidade e maior consistência com a história, pois, como afirma Octávio Paz "o poema, ser de palavra, vai mais além das palavras e a história não se esgota no sentido do poema: mas o poema não teria sentido e nem sequer existência, sem a história, sem a comunidade que o alimenta e a qual alimenta". É aí que carninha a poesia de Corá Coralina, participativa, questionadora, encontrando ressonância, porque do cotidiano e das vivências pessoais.

Alegria da poeta ao final do verso presentifica a parafrase do discurso do poder, pois à medida que aponta para o discurso da verdade, a mentira se instala, como elemento camuflador da realidade. Assim, a poetisa passa a buscar no outro a linguagem que não lhe é facultada.

De certo modo, "o povo humilhado" que percore a poética coralineana não aparece como objeto pitoresco, mas como pessoas de existência concreta que têm como referentes seus instrumentos de trabalho, como podemos observar no poema "Todas as vidas":

Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de sãoaetano.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Tapa de lenha.
Cozinha antiga
toda preta.
Bem cacheada de pimenta.
Pedra pontuda.
Curnbuco de coco.
Pisando alho-sai.


Vive dentro de mim
a mulher roceira
— enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos.
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.

O poema "Todas as vidas é uma síntese de sua cidade que se funde à essência dos outros, aos alicerces dos outros. Assim, a poetisa entra contra a essência de si mesma. Assimilando a experiência constante com os outros seres é que ela consegue alcançar a essência de cada um deles e se fazer duplo deles. O tempo presente corresponde a um determinado espaço social e histórico, como afirmação integral do ser. Deste modo, Corra instaure e constitua um visão de mulher, pois, conforme Octavio Paz, "o homem se realiza ou se completa quando se torna outro. Ao se tornar outro, se recebe, se reconquista, seu ser original, anterior à queda ou ao despertar no mundo, anterior à cisão em eu e outro" 14. Com isso, diríamos que a poetisa se completa quando busca para si todas as vidas, submersas dos escombros da miséria, da intolerância do homem. Tentando com isso desnudar as feridas da sociedade, elevando a voz política a entoar um hino de solidariedade e buscar a transformação social do homem e do mundo. A opção pelo residual do humano, é o fio a tecer sua poética, que tem um compromisso humanitário. Ao se vivificar em lavadeira, mulheira cozinheira, mulher roceira, mulher da vida, simboliza-nos atinge a imortalidade porque transbordada na vastidão do Cosmos.

Corr., ecológica — Para Alceu de Amoroso Lima, o regionalismo literário, como registro de uma região, manifesta-se "pela predominância da terra sobre o homem", enquanto que no turismo ocorre a interiorização dos elementos culturais e paisagísticos, "concorrendo para a existência de uma simbiose entre o homem e a terra". No regionalismo não se promove a ascensão do homem ao universal. O que se dá é fixação ao local, sem o transcurso da existência. Já no telurismo, se processa o fusão do homem com a

terra, ex-
de elevaçã
mento pa
sua lingua
sência.
Assim,
locais são
tamorfo
transmud
em image
dicas que
ão. É o
"Poemas
e estória
elemento
pressão d
universal
a obra co
para a det
tica do tel
ra, a ár
cereais, o
tessitura
se meton
do chão.
vé perce
chão, pel
Urgê res
da terra
vital de s
e elemen
sua essê
responsa
primitiva
podemos
fragment

 Eu sou o amor
Tenho uma pro
terra e aos que
profundamente

As fontes
seja, a naa
as tradiçã
interior d
filtrado p
pelo amon
nela trab
força que
da lingua
humano a
humano
vel um g
mem.

Sou árvore
folha,
sou graveto,
E sou a velha

Os sign
dos, traz
coisas dd
palavras
transmut
gem telu
substan
larem ao
formas d
atingir a
poeticida
não é sen
muros te
outro" c
Paz. Ince
da nature
ampliar
para a ap
de concre
Cora C
ona a ling
eu com
dos, cria
novos set
cante do
ti, aponta
chão, par
A fusão
natureza
tem sua
terra, poi
sa, todos
realidade
chão, inc

terra, exercendo um poder de elevação, um direcionamento para o encontro de sua linguagem e de sua essência.

Assim, as características locais são de tal modo metamorfoseadas que se transmudam em linguagem, em imagens e matérias poéticas, que simbolizam a região. É o que acontece em "Poemas dos becos de Goiás e estórias mais", onde os elementos da terra são expressão de uma linguagem universal. Em decorrência, a obra coralineana converge

que confirma o seu telurismo e a inserção no Cosmos, pois "O Cosmos é um organismo vivo, o que se renova periodicamente, e o seu modo de ser" e a sua capacidade de regenerar é expressa simbolicamente pela vida da Árvore, no dizer de Eliade.

No poetar da poetisa se insinua um mundo em que qualquer coisa, seja árvore, um pássaro, um grão de milho, um paiol, perde seu sentido natural, transubstanciando-se em nova forma de ser, a simiose do ser com a totalidade do universo:

6

Pela minha voz cantam todos os pássaros, plam as cobras, e coaxam as rãs, mugem todas as boiadas que vão pelas estradas.

rene, não poderia dispensar, conjuntamente, a simbologia dos frutos. Colocamos o riñho nesta triha, uma vez que ele é situado pela poética no "Poema do milho", como planta sagrada, o arquétipo da renovação da vida e da infinidade. Ele é o canto da personificação do vegetal e da exaltação da força da natureza "ou a mais brilhante poetização da febre genética do vegetal", na concepção de Oswaldinho Marques. A poetisa, sábia, num único signo condensa os significados. Vejamos o poema "Oração do milho":

6

Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais
pequenos e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso,
nasce e cresce na terra

Segundo o autor de **A loucura da palavra**, V. Fernandes, "o simbolismo da árvore, ligada à vida pe-

Ponho folhas e haste, e se me ajudares, senhor, mesmo planta de acaso, solitária, dou espigas e devolvo em muitos grãos o grão perdido inicial, salvo por

milagre que a terra fecundou. Sou a planta primária da lavoura. Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo, de mim não se faz o pão alvo universal. O justo não me consagrou. Pão da Vida, nem lugar me foi dado nos altares. Sou apenas o alimento forte e substancial dos que trabalham a terra, donde não vinga o trigo nobre.

Diríamos que a transmutação da poetisa em outros elementos da natureza, usando palavras de Heidegger, tem relação com "as angústias metafísicas oriundas do envolvimento da miséria e limitações que impõe o estar no mundo". Assim, fundir-se ao milho, planta humilde dos quintais pequenos e lavouras pobres, vale dizer que o seu mundo é a reimplantação da condição miserável de vida por que passou, é a necessidade de fugir da solidão material e criar novos seres e domínios.

nar o Cosmos, como forma de assegurar o tempo indefinível.

Portanto, Cora Coralina é aquela que busca, na intimidade do vegetal, o subtrato de sua vida, para transportá-la, através da sua palavra vibrante, às profundidades metafóricas da arte poética. Arrancar da neutralidade dos signos a essência do poético, porque "a poesia é a forma que contorna o caos da existência e lança o homem para o ser ou, pelo menos, para a possibilidade de ser", ensina J. Fernandes. Desta forma, a poetisa, ao criar realidades absurdas à lógica, está através da poesia ganhando o sentido sem sentido da existência.

O ser também se vegetaliza para tirar do chão o significado da vida. É com o "poema do milho" que a autora realiza o seu melhor trabalho poético, numa explosão de amor à natureza, onde o lavrador se transubstancia no próprio elemento — a terra — para dela retirar

as suas possibilidades de atualização, deixando instalar-se a sua passagem para o vegetal:

Eu sou o amor à terra. Sou o amor à gleba. Tenho uma profunda identificação com a terra e aos que nela trabalha. Me sinto profundamente identific²da com ela.

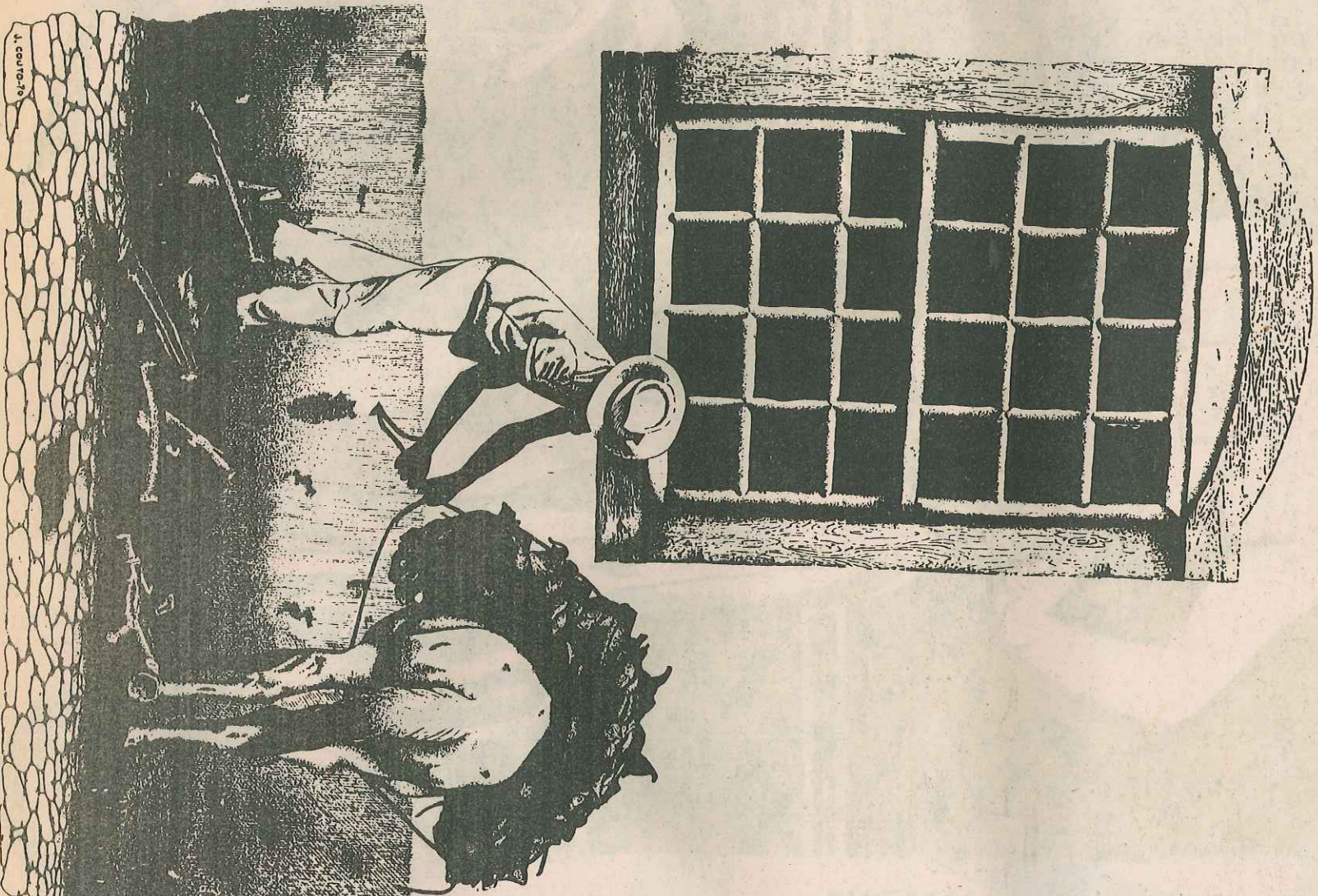
As fontes do telurismo, ou seja, a natureza, o homem e as tradições extravasavam o interior da poetisa, porque filtrado pela sensibilidade, pelo amor à terra e aos que nela trabalhavam. A terra é a força que inunda o universo da linguagem. E todas as coisas que se iguavam ao ser humano assumem atributos humanos, tornando possível um graveto ser o homem.

Sou árvore, sou tronco, sou raiz,
 Sou folha,
 sou graveto, sou mato, sou paiol.
 E sou a velha tuiha de barro.

Os signos, assim entendidos, trazem para o texto as coisas do chão. O real, as palavras e os motivos são transmutados em linguagem telúrica, para se transubstanciar em novas formas de ser, para se igualarem ao ser humano, para atingir a carga máxima da poeticidade, porque poema não é senão "um romper os muros temporais, para ser outro" como dizia Octavio Paz. Incorporar os objetos da natureza, antes de tudo, é ampliar o universo do ser para a apreensão da realidade concreta.

Cora Coralina redimensiona a linguagem e assume o eu com os objetos nomeados, criando e deslocando novos sentidos sob o significante do signo que, **a priori**, aponta para a matéria do chão, para o inorgânico.

A fusão dos elementos da natureza com o eu poético tem sua origem na própria terra, pois, segundo a poetisa, todos os componentes da realidade têm sua origem no chão, inclusive o homem, o



LENHEIRO —
Cidade de Goiás.
"Aos osses
burrus de lenha,
arrochados na
sua carga, no
range-range
das cangalhas.
E aquele meimbo,
lenheiro ole,
salvo seja.
Pequeno para
ser homem,
forte para
ser criança".
Cora Coralina
(Becos de Goiás)

Cavador de milho, que está fazendo?
Há que milênios vem você plantando?
Capanga de grãos dourados a tiracolo.
Criente da terra. Sacerdote da terra. Pai da terra.
Filho da terra. Ascendente da terra.
Descendente da terra.
Ele mesmo, terra.

Assim, diríamos que a força telúrica coralínea está enraizada na terra e, como já vimos, ela corrobora para a definição de sua poética, ela aparece em seu sentido primeiro como a **terra mater** "que dá nascimento a todos os seres", de que fala Mircea Eliade. Portanto, ao retornar o significado da terra em sua tessitura poética, dá-se o movimento da Gênesis, onde tudo se cria e se recria. Comprova-se que só a substância telúrica é capaz de tornar possível a reconstituição da vida, de que a terra é geradora do movimento perpétuo da criação, cuja energia é capaz de regenerar o próprio ser e transformá-lo em guardador do ciclo da vida que a alquimia telúrica insinua.

Concluindo, diríamos que é fundamental a força telúrica na fatura dos versos coralíneos. Um telurismo transfigurado que delinea os limites do geográfico e do regional para atingir o universal dos seus poemas.

MARLENE GOMES DE VELLASCO — é diretora da casa de Cora Coralina, na antiga Vila Boa, hoje Cidade de Goiás. E mostra pela Universidade Federal de Goiás, de cuja tese extraiamos alguns excertos para o presente texto.

Endereço para correspondência: Casa de Cora Coralina — Rua do Rosário — Cidade de Goiás.

A Mulher e o Mal

A professora Angélica Madeira revela neste artigo que até os dicionários abrigam o preconceito contra a mulher em suas páginas

Angélica Madeira
Universidade de Brasília

Ao abrimos um dicionário de qualquer língua moderna encontramos um número significativo de expressões onde a palavra mulher é acompanhada de qualidades negativas. Os significados dos vocabulismos listados nos dicionários apontam para construções coletivas, valores que se cristalizaram ao longo do tempo, delineando molduras culturais amplas, que fornecerão padrões para a percepção do mundo e para as ações.

A língua em si, enquanto estrutura, só se move de acordo com suas próprias leis, porém a dinâmica dos seus significados evidencia, muitas vezes, discrepâncias entre os sentidos historicamente fixados e a força das transformações sociais.

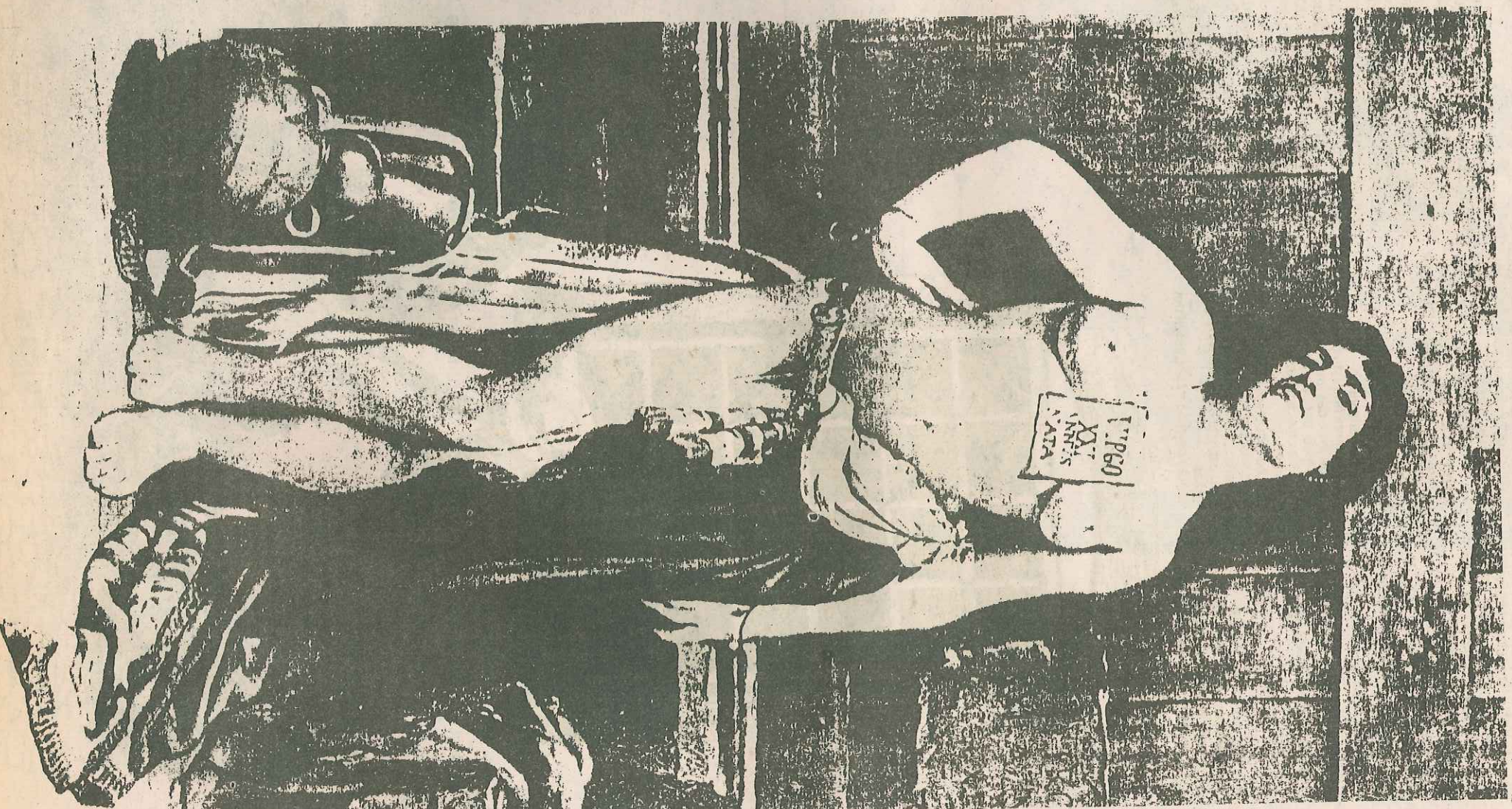
Parece assim que o valor negativo atribuído à palavra mulher corresponde a uma construção muito mais antiga que a própria língua portuguesa, datando de tantos séculos quanto foram necessários para a afirmação dos valores patriarcais que constituíram o Ocidente e a Cristandade.

Alguns autores consideram o Malleus Malleficarum (1484), obra de dois inquisidores alemães Sprenger e Kramer, um marco, a culminação de um processo que visava associar a mulher com o mal, já então alegorizado na figura do diabo. Esta associação já vinha sendo preparada desde a antiguidade Média, por Agostinho e mais tarde por Tomás de Aquino, através do aproveitamento e da reelaboração seletiva dos textos hebraicos e clássicos sobre a mulher. Toda uma literatura específica foi sendo formada e sistematicamente retomada pelos pregadores, mestres de consciência, teólogos e demonólogos até criar raízes no senso comum e ganhar existência na vida cotidiana.

A figura da Bruxa é o melhor exemplo de precipitação histórica desta construção mental. Já dizia Michélet, referindo-se ao contexto do continente europeu, que a Bruxa só pode ser pensada dentro de uma forte cultura eclesástica, uma cultura que decompôs as mil nuances do diabo e da mulher em uma dicotomia maniqueísta e abrupta.

A caça às bruxas que durou, grosso modo, do século XIV ao XVIII, nos quatro cantos da Europa, nada mais é que o acirramento do medo e da insegurança gerada por tantas transformações, políticas, sociais, religiosas, sobrevindas com modernidade. O dogmatismo da religião cristã fez com que se desenvolvesse um alto grau de intolerância em relação às práticas rituais distintas heréticas ou heterodoxas. Hécuba, Diana, Isis, e outras deidades dos lares foram aprisionadas. A discriminação das mulheres, que

Escrava Romana-Quatro a óleo de Oscar Pereira da Silva (Séc. XIX, Pinacoteca de S. Paulo)



atingiu também o corpo e as práticas eróticas, domesticou-as, tornou-as dóceis. Esta operação repressiva gerou resultados.

Lembre-mo-nos somente dos serões monótonos narrados pelos romances do século XIX ou do tédio de Emma Bovary em sua pequena sala de jantar, para compreendermos as reduzidas opções reservadas ao ser do sexo feminino, após a puberdade. Ser esposa é o primeiro significado dicionarizado, onde o termo mulher é conotado positivamente (a esposa é a mulher menos sua sexualidade); ou, segunda opção, prostituta, onde age a associação ao prazer, à música, e mais tarde, ao pecado, ao mal e ao diabo. Preconceituosos ou saborosos, os qualificativos que se somam para desqualificar a mulher são expressivos: mulher à toa, mulher da comédia, da rótula ou da zona, de ponta de rua, do fado do fandango, mulher do mundo, mulher da vida, do pala aberto, mulher fatal, termos que associam mulher e sexualidade. Messalina, cortesã, coque, vulgívaga, murruxaba, zafureira são alguns exemplos do alcance transcultural e da formação híbrida deste campo semântico. Mulher perdida, tolerada, transviada, mulher errada, mulher pública e vadia apontam já para o rebaixamento e para a ansiedade que subjaz à associação do erotismo com o mal. Há ainda muitos fios a serem puxados da trama linguística para compreendermos a intrincada gramática dos códigos sociais nos quais existimos. Movendo do nível do léxico para a realidade sócio-cultural, pode-se ver, a olho nu, como língua e cultura se conectam.

Apesar da profunda transformação da mentalidade e dos costumes ocorrida nas últimas décadas, de resiliabilidade sobretudo dos movimentos feministas, as idéias de longa duração vazam os séculos até serem completamente exumadas.

* Angélica Madeira, doutora em Semiótica pela Universidade de Paris VII, é professora-adjunta do Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília. Durante o ano de 1990 foi "research associate" na Universidade de Columbia, New York, no "Research Center for Language and Semiotic Studies", University of Indiana, Bloomington. Escreveu e publicou vários artigos em periódicos nacionais e estrangeiros sobre literatura, música e cultura popular. Atualmente prepara um livro sobre a História Trágico-Marítima, uma coletânea de narrativas de naufrágios de barcos mercantes portugueses do século XVI. Endereço para correspondência: Colina, Bloco A, ap. 22 — Campus da UnB — Brasília DF.

Diã
sional
quele
fissão
zes s
desco
fissão.
dignat
que va
tituição
por e
des, o
zados
avalia
trabal
peito!
pessoa
mãe m
za na
era. F
V. P
n. q
dagem
— na
(depre

Acoi
ietoria
respon
do com
um en
todos
na exe
produ
Suas c
luta pe
difícil
o pode
em p
pessoa

Atra
cotidia
e sem
guagen
signifi
para el
dos os
mo a t
linguag
coexist
trivialis
deveria
da dos
justam
parado
dades s

Grande figura de mulher e musicista, a profª ODETTE ERNEST DIAS analisa neste artigo as repressões sociais sofridas por MOZART no século XVIII e coisas parecidas que andou presenciando na atualidade brasileira. No fim do artigo a autora faz uma tocante apologia do amor à música, apesar dos preconceitos sociais contra os músicos.

A volúpia da música: contrapontos dissonantes

Odette Ernest Dias
 Universidade de Brasília

À propos ... Mozart gostava muito de começar suas cartas com a expressão "à propos", em francês. Entrava assim, coloquialmente, no vivo do assunto que o preocupava no momento, quando nos comunicamos com seu dia-a-dia.

Dia-a-dia de músico profissional, não muito diferente daquele dos seus colegas de profissão de hoje, profissão às vezes suspeita, marginalizada, desconsiderada até como profissão. Muitos pais ainda se indignam quando o filho declara que vai ser músico. Até nas instituições acadêmicas, como, por exemplo, nas universidades, os músicos são marginalizados devido à dificuldade de avaliação de seu trabalho — trabalho que dá prazer — suspeiço! Um pequeno episódio pessoal: uma amiga de minha mãe me perguntou o que eu fazia na vida. Respondi que eu era professora universitária. Viu um "Ah! (admirativo), quando ela prosseguiu, indagando em que área eu atuava — na música — veio um Ah... (depreciativo).

Acompanhamos porém a trajetória de Mozart em sua correspondência, onde ele mostra, do começo ao fim de sua vida, um envolvimento musical em todos os aspectos: na criação, na execução, no ensino e até na produção, como se diz hoje. Suas cartas são o reflexo da sua luta pela sobrevivência, de suas dificuldades nas relações com o poder e da sua persistência em preservar sua dignidade pessoal.

Através do retrato dessa luta cotidiana aparece claramente, e sem necessidade de uma linguagem estética e filosófica, o significado profundo da música para ele e para o homem de todos os tempos. Neste ponto, pode surgir um paradoxo: como a transcendência da luz da linguagem mozartiana pode coexistir com as preocupações triviais do dia-a-dia? Ele não deveria ser uma pessoa desligada dos problemas materiais? E justamente nesse ponto que o paradoxo se desfaz. As dificuldades que ele atravessava eram

tão intimamente ligadas à sua condição de músico profissional que elas se tornavam parte indispensável da sua emoção e da sua criação. O mito de Mozart anodidamente aparece em favor da presença do homem, de uma genialidade sempre em confronto com a adversidade e talvez mais forte por isso mesmo. Ou será que esse anjo é mais anjo justamente por ser homem?

A leitura seguida das cartas de Mozart retrata de maneira constante a sua luta contra as dificuldades materiais e sociais ligadas à profissão. Os músicos que lerem estes artigos vão reencontrar aqui situações familiares. Vale citar, do livro *Chega de saúde de Ruy Cas*tro o seguinte trecho:

Em 1956, pessoas de boa família não se misturavam a músicos e cantores, exceto ao contratá-los para tocar em suas festas, caso em que estes entravam e saíam pelos fundos.

Qual era a condição social de Mozart? Deixemos que ele mesmo fale e, paralelamente, apresentemos algumas situações atuais muito parecidas.

(Mozart) — ... Eu não sabia que era um criado de quarto (valet de chambre), foi isso que me perdeu. Eu deveria todos os dias da manhã gastar algumas horas ficando de plantão, à disposição... (carta 165, a seu pai, Viena, 12 de maio de 1781)

— ... que distinção me acorda o arcebispo? Os Srs Kleinmayer e Bonickl têm uma mesa separada com o Conde d'Arco2; se eu ficasse nessa mesa seria uma distinção, mas não com os valets de chambre, que depois de deixar seus lugares de honra na mesa, acendem os lustres, abrem as portas e devem ficar no vestíbulo, enquanto estou na sala com os cozinheiros... (carta 158, Viena, 24 de março de 1781).

E hoje, como é? Vejamos dois exemplos:

— Brasília — Águas Claras, residência oficial do governa-

dor do Distrito Federal — durante um almoço de senhoras de embaixadores e políticos, onde eu tocava com o Clube do Choro, fiquei na situação ambígua de ou me sentar numa das mesas como conhecida de muitos e convidada para isso, ou compartilhar a mesa dos músicos... Procuramos a tal mesa, não tinha... Os músicos iam comer na copa, com louça rachada, sem guardanapos e sem atendimento de garçons. A minha solução foi de não almoçar.

— Salvador — Fui tocar numa festa de aniversário convidada por um grupo de chorões baianos, conhecidos meus. Apartamento luxuoso, no bairro de Brotas. Os músicos entraram pela porta dos fundos e foram convidados a se sentar na área de serviço; esperando o chamado para tocar. Foram servidos de cerveja e sanduíches de mortadela. Depois de um certo tempo, aparece na copa o dono da casa que me reconheceu (eu tinha morado na Bahia, anos antes, quando meu marido era gerente de um banco). Depois de muita surpresa, ele insistiu em me levar para a sala, onde me ofereceram uísque e canapés de caviar. Como esposa de gerente de banco eu subia imediatamente na escala social!

E os honorários do músico? Mozart era muitas vezes retido com presentes, objetos de luxo, geralmente inúteis, como o relógio que ele recebeu de um nobre senhor.

(Mozart) ... Fui buscar meu presente (seria o cachet de hoje) na casa do Conde Savio13. E bem o que eu imaginava: nada de dinheiro, mas um belo relógio de ouro. Eu teria preferido no momento dez carolins a esse relógio estimado em vinte carlins com a corrente e os berloques. Em viagem, a gente precisa de dinheiro e, com sua licença, tenho agora cinco relógios. Assim tenho vontade de mandar fazer um segundo bolsinho em cada uma das minhas calças e, quando me apresentar a um senhor da nobreza, usarei dois relógios ao mesmo tempo (ahá, é moda atualmente) para

ninguém ter a ideia de me apresentar com um novo (carta 88, a seu pai, Mannheim, 13 de novembro de 1772).

Só ao tempo de Mozart? Vejamos pois:

— Rio de Janeiro — Convidada para dar um concerto na casa de um grande industrial (recial de música barroca), me entregaram, com muita cerimônia, um pequeno anel de ouro no lugar do cachet.

O serviço musical era considerado enquanto servia a contento. Quando Mozart manifestou seu desejo de independência, de deixar a corte do Arcebispo de Salzburgo, o mesmo lhe disse as maiores impertinências e o Conde d'Arco jogou Mozart pela porta afóra com um pontapé no ... (carta 178, Viena, 13 de junho de 1781).

Mozart se libertou do serviço do arcebispo para se tornar *free lance*, ensinando, tocando e compondo. Mas o *free lance* sofria, como sofre até hoje, o mesmo tipo de repressão e discriminação, só que numa escala maior, a de toda a sociedade. Nessa nova situação de liberdade aparente, a luta contra o desprezo e a indiferença dos poderosos continua a mesma.

(Mozart) ... Não poderia conseguir sobreviver sem ter alunos e esse é um tipo de trabalho para o qual não nasci. Aqui tenho disso a prova viva. Poderia ter tido dois alunos. Fui três vezes na casa de um deles e ele não estava. Não voltei mais. (carta 106, a seu pai — Mannheim, fevereiro de 1778).

A comparar-se com a experiência que tive eu própria:

Brasília — Asa Sul — Depois de muito solicitada, aceitei dar aulas particulares de flauta a um Senhor Deputado Federal, na casa dele, isso contra todos meus princípios. Foi combinado um pagamento mensal. Na quarta aula, não encontrei esse senhor. Ele tinha viajado sem me avisar e nunca mais deu notícias... nem pagamento.

(Mozart) ... Teria o executante mais sorte que o professor? ... Nessa primeira visita à Senhora de Chabot4, tinha ela me convidado a voltar dentro de oito dias! Cumprir o prometido e fui. Tive de esperar meia hora numa sala grande, gelada, sem calefusão e sem lareira. Até que enfim, a Senhora de Chabot chegou com a maior civilidade e me pediu para me contentar com o piano que aí estava — já que nenhum outro estava em boas condições. Falei que tocaria de muito boa vontade alguma coisa, mas, que no momento, era impossível. Não sentia meus dedos de tão congelados — e pedi que me levasse pelo menos num cómodo onde tivesse uma lareira. Oh, si monieur, o Sr. tem razão, foi toda sua resposta. Ela sentou-se e começou a



desenhar durante uma hora inteira em companhia de outros senhores que estavam sentados, em círculo, em volta de uma grande mesa. As janelas e portas estavam abertas, sentia frio, não somente nas mãos, mas pelo corpo todo e a cabeça começava a doer. Não sabia o que ia ser de mim com esse frio, essa dor de cabeça e esse tédio. Enfim, para acabar com essa situação toquei nesse miserável e detestável piano-forte. Mas, o mais vexatório foi que a Senhora de Chabot e todos esses senhores não interromperam em nenhum momento o seu desenho, continuando o tempo todo, de forma que tive de tocar para as poltronas, as mesas e as paredes... (carta 116, a seu pai, Paris, maio de 1778).

Essa cena é muito eloquente para qualquer músico instruído. Como tocar com o frio no corpo e na alma, em meio à indiferença total?

... Em Salzburgo, há muitas pessoas que não quero frequentar e para os outros sou de linhagem muito baixa. Nenhum incentivo para meu trabalho quanto toco. E exatamente como se tivesse como ouvintes somente poltronas e mesas. (carta 169 — a seu pai — Viena 26 de maio de 1781).

Hoje, seria diferente? Vejamos:

— Brasília — Lago Sul — Fui tocar na missa de aniversário de 80 anos de uma senhora, numa bela residência desse bairro elegante. Quando cheguei, para me colocar à vontade, a dona da casa pediu que eu esperasse a hora da missa num... quarto de despejo onde tinham empilhado os móveis inúteis à recepção. Quando, apesar de tudo, eu fui cumprir a tarefa, descobri ser parente de minha nora, criei o maior constrangimento. Ninguém conversou comigo na fila, ninguém comentou as músicas que tinha executado. Me senti ao mesmo tempo furiosa, humilhada, e como se tivesse cometido uma gafe monumental. Senti que, como musicista, era excluída da festa. Eu deveria ter é sumido depois da missa...

E a respeito do pagamento das atividades musicais? Sempre o desprezo, a incerteza e cada vez mais as dívidas que o colocavam na mão de agiotas:

(Mozart)... Mas tivemos com certeza ontem. Agora eu espero para ver se vou receber alguma coisa. Se não receber nada, irei até o arcebispo e direi claramente: se ele não quer que eu lucre nada, pelo menos que me retribua de tal forma que eu não seja obrigado a gastar meu próprio dinheiro (carta 157, Viena, 17 de maio de 1781).

Vejamos hoje:

Brasília — Foyer do Teatro Nacional, coquete! com com certo organizado por um gran-

de banco americano de São Paulo para um vernissage. Para receber o cachet, dois meses depois, foi preciso gastar em telefonemas interurbanos quase o equivalente desse cachet.

(Mozart)... Falemos agora do problema do dinheiro. Minha aluna ficou três semanas no campo, não tinha então nada a receber, enquanto eu ia gastando... Como eu tinha esperança para as subscrições (vendidas dos seus livros de composições e de bilhetes para recitais), eu quis esperar até poder mandar-lhe a quantia prometida, mas, eis que a Condessa Thunb me disse que, até o outono, não se pode pensar nas subscrições porque todas as pessoas que têm dinheiro estão no campo. (Carta 179, a seu pai, Viena 25/08/1781).

É possível entender por que, nesse dia-a-dia tão difícil e incerto, Mozart vivia em apertos financeiros que o obrigavam frequentemente a pedir dinheiro emprestado, num tom quase desesperado. A leitura dessas mensagens dramáticas nas suas cartas destrói a fama

conservar a serenidade, a cabeça livre e prazer no trabalho (Carta 145, a seu pai — Munique, 24/11/1780).

Conservar o prazer. Acho que tocamos aqui no âmago da questão.

Não seria esse prazer a chave do mistério? Afinal por que tanto destrato? É preciso voltar ao significado dessa linguagem aparentemente simples, mas tão profunda, que é a linguagem do som.

Mozart se define como alguém que se expressa essencialmente pelo som. Ele é um músico.

(Mozart)... Não posso escrever em versos, pois não sou poeta. Não posso distribuir cores artisticamente para produzir sombras e luzes, pois não sou pintor. Não posso expressar meus pensamentos com sinais e pantomimas, pois não sou dançarino. Mas posso fazê-lo com os sons, pois sou músico. (Carta 87, Mannheim, 8 de novembro de 1777).

Já ouvi muitas vezes re-

que isolamento, apesar da raiz comum às duas palavras) permitia-lhe refugiar-se na parte mais alegre dele mesmo onde brincava com o som da mesma forma que sabia fazê-lo com as palavras (lembrando-nos que ele era um grande jogador de bilhar, assim como também Villa-Lobos, outro brinçalhão). Um dos maiores traços de sua personalidade musical era, segundo testemunho dos seus contemporâneos, o seu talento para a improvisação, o que infelizmente, não podemos presenciar.

É na improvisação que o músico se sente mais perto da felicidade da criação, quando o som realmente lhe pertence.

Como descrever a natureza do som que torna os músicos tão felizes e suspensos?

Felizes na sua expressão do momento, suspensos por com partilharem de uma linguagem poderosa, dionisiaca, diabólica, que, uma vez acabada a festa, faz que eles sejam mandados sair pelos fundos.

É mais fácil apelar para a ficção e para a anedota para tentar chegar mais perto dessa realidade.

Assisti, há pouco tempo, num filme russo ("Taxi blues") a história de um saxofonista, que sofre todo tipo de discriminação social. Mas, fala com Deus, segundo suas próprias palavras, quando está tocando. Comunica-se com o impalpável e graças a essa comunicação consegue mudar até os ritmos conceitos de vida de seu amigo, motorista de táxi. O som criado na sua ilha egocêntrica dá-lhe o poder de comover o outro até as lágrimas.

Passando férias num sítio, num arraial muito isolado da Serra da Mantiqueira, nos anos em que ainda não tinha luz elétrica, eu estava ouvindo num toca-discos de pilhas uma música. Apareceu um homem muito simples e pobre, ferreiro, violonista e bebedor nos seus momentos de lazer e boemia — ele pediu licença — "Eu estava passando na estrada, ouvi um som, posso entrar?" — "Entre, Sr. Olavo. Ele sentou, ficou no maior recolhimento e no final declarou — "Essa é uma música muito importante! Era um quarteto de Mozart para flauta e cordas.

Já vi Hermeto Pashoal entrar num furor leonino no palco do Palácio das Artes em Belo Horizonte, quando o gerente do teatro lhe fez chegar, no meio de uma improvisação instrumental, a ordem de parar de tocar porque o tempo do espetáculo tinha se esgotado. Ele não tinha sensibilidade para perceber que o tempo da arte (criação) foge ao tempo dos relógios.

Quem é o dono do som? Desse momento de criação onde de toda a afetividade é envolvida?

Na Ilade Média, um pobreto estava na frente de uma Rôtisserie, aspirando o cheiro de

um apetitoso assado. Veio o dono do estabelecimento: — Você tem que pagar! Pagar? O cheiro?

Ele jogou uma moeda no chão, a fez.

Pagar o cheiro? só com o som.

Perfume, som, tão impalpáveis quanto o ar que os carrega. Concluímos com Debussy (Prelúdios):

Des sons et des parfums tourment dans l'air du soir...

Que em português, em tradução livre, deve ser algo como: "Sons e perfumes volteiam na atmosfera da noite..."

NOTAS

Referências às Lettres de Mozart — CURZON

- 1) Kleinmayer — Diretor dos Arquivos em Salzburgo. Bonike — Secretário Intimo do Consistório do arcebispo em Salzburgo.
- 2) Conde d'Arco — Grande "Chambellan" do arcebispo de Salzburgo.
- 3) Savioi — Conde — Intendente da música em Mannheim.
- 4) Chabot — Duquesa — — filha do Conde Stafford.
- 5) Subscrição — Mozart vendia com antecipação suas composições para ter fundos para mandá-las imprimir. Vendia também em troca para seus concertos.
- 6) Thun (Condessa) nascida Uhlfeid, Nora do Conde Thun, de Linz morando em Viena. Pianista, aluna de Mozart, mulher de grande distinção, muito amável e talentosa. Grande admiradora de Mozart e de toda sua família.
- 7) Waldstaden — Baronesa nascida em Schaefer. Protetora e aluna de Mozart — pianista.
- 8) Puchberg (Michele) Grande negociante em Viena — a esposa dele mesmo amigos do Mozart. Emprestava dinheiro, a juros (agiotaria), a Mozart

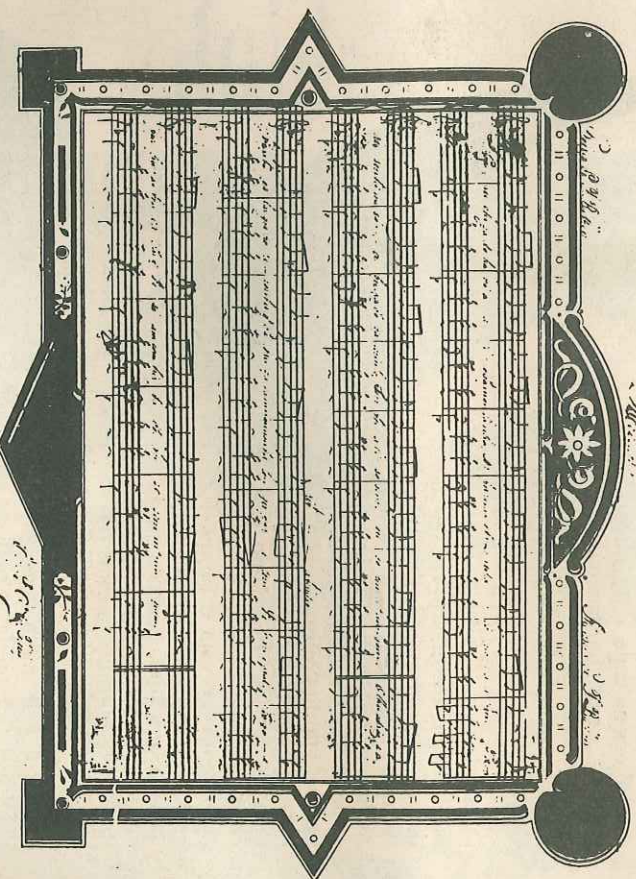
BIBLIOGRAFIA

- BARTH, Karl, Wolfgang Amadeu Mozart. Ed. Labor e fides, 1956.
- BUENZOD, Emmanuel. Mozart. Reider, Paris, 1930.
- CASTRO Ruy. Chega de Saudades. ed. Sahevarz, São Paulo, 1990.
- CURZON, Henri. Lettres de Mozart. (Tradução do alemão) H. Knecht, Paris, 1988.
- CURZON, Henri. Vida de Mozart. Atena Editora, São Paulo.
- GHEON, Henri. Pronema des ave GONCALVES, Joaquim. Freitas Mozart. O Gênio de Salzburgo. Col. Lopes da Silva, Porto, 1943.
- HOCQUARD, Jean Victor. La Personne de Mozart. Ed. du Senil, Paris, 1958.
- MORE, Marcel Le dieu Mozart e le monde. Gallimard, Paris 1971.
- PETERNEL, Pert. La Vie passionné de Mozart. Intercontinental Paris, 1956.

*ODETTE ERNEST DIAS francesa de nascimento e mãe de família brasileira. Além de suas imperdíveis apresentações como flautista, revela-se também como pesquisadora e escritora.

Endereço para correspondência: SCS 311, bloco E, ap 508 70.364, Brasília, DF.

Nota Musical do século 19



de perulário que lhe foi atribuída recentemente.

(Mozart)... Não posso pagar agora nem mesmo a metade da quantia que tomei emprestada. Se eu soubesse que a subscrição dos meus concertos andaria tão devagar, eu teria pedido dinheiro emprestado com prazo maior (carta 237, à baronesa Waldstaden, Viena, 16 de fevereiro de 1783) — e, mais perto do fim da sua vida, um grito desesperado:

...Eu o suplico, conjuro, em nome de Deus de me conceder esse socorro imediato, junto com um conselho e uma consolação. (carta 257 — ao Sr. Puchberg, Viena, 17 de julho de 1788).

Como explicar o processo de criação se existe tamanha opressão social e se as dificuldades financeiras tiram da alma a tranquilidade necessária? Mozart declara: ...Preciso

O tempo atual, a atual modernidade, não diz de ra que este modo.

Fenômeno

uma cons

vitalidade

a moda

divida, as

iticações

produção

Possui

porâneo,

a época n

e, qualqu

ginário m

represent

suas form

ção.

Como fe

a moda s

seculo XV

ção social

Revolução

até hoje.

tracistic

idade, imi

gia.

Espeho

estilho e

ções, repr

lidades p

do em cer

ditórios, a

r. O mo

sem nenh

Os sign

ros e mu

desa em

ginável el

gica da re

minuciosa

impor um

ginário.

Assim, e

guia em t

xidade, p

multidisc

diversos e

ta e por p

vedio da

am b i t c

co/cientific

O precor

à moda, r

seus crític

sobre valo

sobre sua

pé. O. há

da cidadã

Futl ou

sunto tem

ção de poe

escritores

XIX quant

Baudelaire

saio "O Pi

derma", de

que tal mo

como um

moda, um

ções, desl

lhantes fasc

lares trium

estilo".

Leopardi

la moda

(1824), sat

"o século

da compete

com a mo

de, no par

de renovar

munido, c

do o prin

às pessoa

enquanto

to, no má

bas, cab

utensilio

etc... Bem

não deix

gumas br

competir

como por

racar ore

nariz, at

Moda: trama e texto

A vestimenta e a moda são temas fascinantes e inesgotáveis. Neste ensaio a jornalista Valda Maria de Queiroz estuda o assunto sob diversos prismas, desde o conceito de moda até a veste como signo e objeto de consumo.

VALDA QUEIROZ

Jornalista

O tempo deste ensaio é o atual, a atualidade, o hoje, o moderno agora, a agoridade no dizer de Octávio Paz, para que esteja, no mínimo, na moda.

Fenômeno que registra uma constante mutação e vitalidade, fixado no tempo, a moda acompanha, sem dúvida, as alterações e sofisticções das relações de produção e consumo.

Possui o fato do contemporâneo, qualquer que seja a época na qual se atualiza e, qualquer que seja o imaginário mobilizado, passa a representar-se em todas as suas formas possíveis de ficção.

Como fenômeno moderno, a moda surgiu no final do século XVIII, com a formação social da burguesia na Revolução Industrial. De lá até hoje, mantêm suas características de transitoriedade, imitação e antropofagia.

Espelho caleidoscópico, estilização de mil configurações, representação de realidades diversificadas, posto em cena desejos contraditórios, a moda revirte sig-nos mortos de tempos idos, sem nenhum pudor.

Os signos são livres, ligeiros e mutantes, e no fim dessa emancipação inimaginável eles obedecem à lógica da recorrência louca e minuciosa que acaba por impor uma ruptura ao imaginário.

Assim, esse tema se configura em toda a sua complexidade, pelo seu caráter multidisciplinar através dos diversos enfoques que suscita e por pisar no terreno notável da marginalidade no âmbito a e a d e m i -col científico.

O preconceito em relação à moda, manifestado pelos seus críticos, recai menos sobre valores morais do que sobre sua futilidade, o tabu incide sobre a paixão do supé- o, hábito fundamental da sociedade de consumo.

Fútil ou importante, o assunto tem merecido a atenção de poetas, pensadores e escritores tanto no século XIX quanto nos dias de hoje: Baudelaire escreveu um ensaio "O Pintor e a Vida Moderna", de 1859 a 1860 em que tal modernidade "surge como um grande **show** de moda, um sistema de aparções deslumbrantes, brilhantes fachadas, espetaculares triunfos de decoração e estilo".

Leopardi, no "Diálogo della moda e della morte" (1824), satiriza o seu tempo, "o século morto". A moda compete acirradamente com a morte na imortalidade, no parentesco e no poder de renovar continuamente o mundo, como diz Leopardi Da Moda à Morte: "tu des-de o princípio te lanças as pessoas e ao sangue, enquanto eu me contento, no máximo, com barbas, cabelos, roupas, utensílios, palácios e etc... Bem, é verdade que não deixei de fazer algumas brincadeiras para competir com as suas, como por exemplo esburacar orelhas, lábios e nariz, atravessando-os



com quinquilharias que utilizo por aí agora, queimar a carne com marcas incandescentes, causando desconforto, mas por beleza... Dessa forma, persuado, obrigo todos os bons homens a suportarem diariamente mil fadigas... Dores e nágoas frequentes. Permito a alguns morrerem gloriosamente pelo amor que têm. Não direi nada das dores de cabeça, dos resfriados... Das febres cotidianas, terçãs, quartãs, que os homens adquirem por me obedecer. Consinto que tremam de frio ou se sufocem de calor segundo minha vontade, protegendo-lhes as costas com tecidos de lã e o peito com fazendas finas e fazer tudo a meu modo, mesmo que seja para seu dano".

Nesse pacto de cumplicidade que a moda estabelece com a morte, é Leopardi ainda que diz: além de ordenar o desuso e o esquecimento de exercícios que ajudam no bem-estar corporal, introduz inúmeras pregações para destruir o corpo de mil maneiras e reduzem a vida.

Para Nicolas Herpin a moda é uma forma superficial de mudança social. Concerne aos aspectos decorativos dos objetos ou às condutas, as mais triviais. No automóvel, por exemplo, modifica-se mais rapidamente o exterior (carroceria, cor) que o motor... Diferente dos outros movimentos sociais, ela não deixa traço profundo e em particular não produz instituição com certa longevidade. "Cada moda é uma alternativa funcional da precedente".

La mode est ce qui devient demodé, diz Paul Valéry, e nesse processo de vaivem entre o retro e o pós, a moda indica, no seu princípio, o seu próprio termo pelo caráter mesmo do consumo. "O uso da moda seria mais lento que o seu consumo, mas a moda propala que o valor está naquilo agora, no que passa rapidamente e não no que fica", afirma Samira Chalhoub.

A moda não urde o novo, mas a novidade, quer seja na trama e textura de seus tecidos, no arco-íris de suas cores ou na forma, isto é, no **design**, volume, equilíbrio e ritmo.

Por isso, é inatural, multifacetada, sempre **demodé** por destino. Seu **modus** é o modo e o tempo do verbo que salta para o passado mais ou menos longínquo, devorando a história.

Ao retirar suas sugestões dos acontecimentos contemporâneos inventados pela Indústria Cultural, ela projeta-se pela eternidade constitutiva — para o seu próprio fim.

Walter Benjamin, com a finura e lucidez que imprimiu aos seus escritos, orientou a reflexão sobre a mercadoria de luxo, desvendando seu caráter feticista no célebre ensaio "Paris, capital do século XIX". Assim se expressa: "O no-

vo é uma qualidade que depende do valor-de-uso da mercadoria. É a origem da falta aparência que pertence de modo inalienável e intransferível às margens geradas pelo inconsciente coletivo. É a quintessência da falsa consciência cujo indomável agente é a moda. Essa falsa aparência de novidade se reflete como um espelho em outro na falsa aparência do sempre igual, do eterno retorno do mesmo".

Qualquer dos termos utilizados desde a moda, como **modus** de se vestir, vestuário, veste, indumentária e traje, até roupa, supõe o entendimento da moda como um fenômeno complexo, de natureza histórico-cultural e socio-econômica, determinado por razões mercadológicas, que abrange um múltiplo universo imaginário.

A moda, como vestuário, é, pois, uma mercadoria fetiche portadora de uma linguagem articulada em sistemas de comunicação.

status social ou proeminência especialmente sinalizada por vestimenta ou conduta que concorda meticulosamente com estilo ou moda (model). São sinônimos: **fashion style**, **fad**, **craze**, **vogue** etc., que podem significar comumente a forma de se vestir, comportar-se, decorar ou manifestar interesse no que é considerado **up-to-date**.

A palavra moda atualmente tem ampla significação: do estilo de vida ao modo de trajar. "Curtir a vida nunca sai da moda", diz o anúncio da **Speedo**.

A legitimidade que lhe confere o uso abrange uma série de produtos e/ou bens de consumo em circulação numa sociedade, num momento preciso: eles têm uma vigência enquanto estão na moda. **Best-sellers**, filmes, ritmos musicais, locais de encontro, girias, jargões profissionais, vocabulários técnicos e políticos, além de au-

narciso, personagem dos anos 80, que transita nesse cenário "pos-moderno"; mercadoria esta originária da cultura, do imaginário social, articulada em várias instâncias de comunicação e restituída à cultura através do roubo da fala, enquanto roupa.

Em síntese, a moda como linguagem pode ser entendida em três níveis:

- 1) No seu sentido mais abstrato, isto é, como um Sistema de Signos que se atualiza através de mensagens que circulam dentro de um modelo comunicacional amplo.
- 2) No seu sentido mais concreto, mas nem por isso menos simbólico — o da roupa usada, como figurino de um rito social.
- 3) A moda encenada, escrita ou figurada, através de textos e imagens publicitárias, o que constitui a própria mediação entre o projeto roupa e o desejo do usuário que a porta. Que a roupa fala uma linguagem, parece

outra peça do vestuário em signo, quem nos fornece a pista é Bakhtin:

"Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com a sua própria natureza. Nesse caso, não se trata de uma ideologia". Prossegue Bakhtin: "Todo corpo físico pode ser percebido como símbolo... toda imagem artístico-simbólica, ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo, o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar numa certa medida uma outra realidade".

Para exemplificar a questão, Bakhtin refere-se a dois instrumentos de produção: a foice e o martelo, que a princípio não produzem sentido, não representam alguma outra coisa, mas têm funções específicas. Somente a partir do mo-

mento em que são transformados sem insígnia adquirem um sentido ideológico.

"Portanto, ao lado dos fenômenos naturais do material tecnológico e dos artigos de consumo, existe um universo particular, o "universo dos signos", observado por Bakhtin, ao mesmo tempo em que admite que se possa dar ao instrumento uma forma artística que assegure uma "adequação harmônica" da forma à função na produção, produzindo uma espécie de "aproximação máxima", quase uma fusão, entre o signo e o instrumento.

"Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode disforçar essa realidade, ser-lhe apenas fiel ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se verdadeiro, falso, correto, justificado, bom etc.). O domínio do ideológico coincide com os domínios dos signos: são mutuamente correspondentes. Aí onde o signo se encontra encontra-se também o ideológico.

Tudo que é ideológico possui um valor simbólico".

Como estão um objeto que exerce, aparentemente, uma função utilitária pode se constituir em elemento de linguagem? Como extrapola de sua utilidade para outras instâncias de significação como a estética, a simbólica e a fantasmagórica?

A roupa, como mercadoria feticizada, não só veste crianças, homens e mulheres, mas também identifica, hierarquiza e classifica grupos sociais. Do Renascimento até o Século XIX transformou-se em emblema que outorgava prestígio e respeitabilidade social, poder e erotismo. Hoje, além de tudo, a moda gera uma outra realidade imaginária para a sua geração.

A mercadoria está à disposição do consumidor, nas vitrines da sociedade de consumo, dentro do leque de opções do socialmente

previsto, "há de tudo para todos".

A moda rege com seus códigos, que se prestam à seleção e combinação por parte dos usuários, a mensagem de sua frase vestimental, como tão bem demonstrou Roland Barthes no clássico **Sistema da Moda**.

É enquanto bem de consumo que a moda se transforma em "substância ládica distintiva, em acessório de luxo", tendo para além de suas funções primárias (abrigar, proteger o corpo), ou seja, do seu valor-de-uso e valor, adquirido o caráter autônomo, envolvendo-se num véu que encobre as relações de produção.

É aí mesmo nesse terreno nebuloso, mágico, que brota o fetiche. O consumidor, ao comprar uma mercadoria feticizada, estará possivelmente não só o objeto, mas também uma imagem e uma fantasia.

Através do vestuário o indivíduo é capaz de construir para si um duplo, um outro espelho/imagem. Com isso, a roupa não só adquire funções simbólicas, mas também se relaciona intimamente com o corpo: segunda pele como querem muitos e, para McLuhan, a extensão da própria pele, "ajuda a armazenar e canalizar ener-

Suas articulações e conexões se dão, portanto, sob o signo de uma instância racial, na forma de organização da criação estética e do mercado: parque industrial para mobilizar imaginários e lucros.

ETIMOLOGIA DO EFÊMERO

O termo vestuário vem do latim medieval **vestiarium** por **vestiarum**, na acepção de vestido; indumentária origina-se do latim **indumentum**; vestido, veste, do latim veste, peça de roupa em geral, vestido, vestimenta, já a palavra traje, forma verbal do português antigo e dialetal **trager**, tem o sentido de vestuário habitual e próprio de uma profissão, veste, fato. Roupa tem uma significação originária do germânico **rauba**, presa de guerra, despojos, paralela ao latim vulgar **raubare** = roubo.

Moda é uma palavra apropriada do francês **mode**; uso que rege o gosto do momento, a maneira de se viver, de se vestir o qual por sua vez é originário do latim **modus**, modo, maneira, jeito, medida. O alemão usa a palavra **mode**, como os franceses.

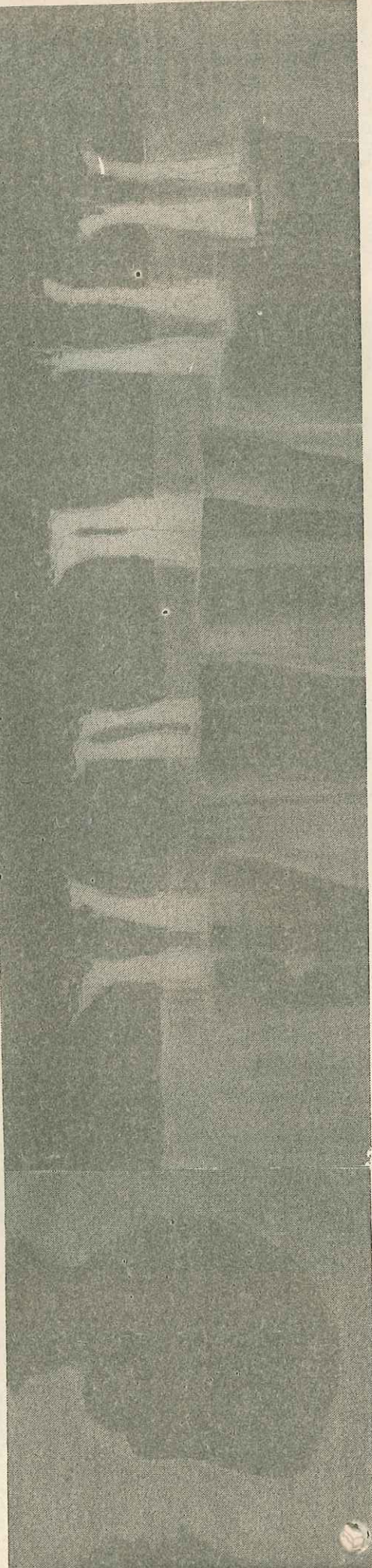
No inglês, **fashion** significa hoje, estilo, maneira, e

tomáveis, eletrodomésticos, roupas e acessórios do vestuário, aglutinam em torno de si opiniões e gostos diferenciados e têm sua duração marcada pela transitoriedade.

Vale lembrar que certa vez Pierre Cardin disse em entrevista à imprensa, no Brasil: "Para que as fábricas funcionem deve existir a moda. As pessoas que pensam o contrário se esquecem de que a moda não é apenas roupa. É tudo que existe em torno dela: fios, lã, algodão, botões, máquinas de cortar, couros. Enfim um vasto mundo industrial que depende do que as pessoas vestem".

O tratamento do assunto tenta captá-lo em toda a sua diversidade, vale dizer, na sua visão de conjunto, interdisciplinar, sem, contudo, privilegiar área específica do conhecimento, já que o vestuário, ou moda, enquanto linguagem demanda uma leitura que abrangeria elementos dos campos cultural, econômico, histórico, artístico e semiológico.

Por isso, nossa argumentação ancorada na realidade de agora, volta seu ponto de vista para a questão da moda como mercadoria/fetiche, localizada na sociedade de consumo, consumida pelo



gia, enquanto a habitação prolonga os mecanismos de controle técnico".

Mas as teorias que defendem o uso da roupa por recato ou para proteger a pele contra as condições climáticas parecem ter sido, atualmente, esquecidas. Hoje, privilegiava-se a política do corpo. Observações mais avançadas evidenciam que a veste, muitas vezes, de- vassa e chama a atenção pa- ra determinadas partes do tronco, "o corpo é serial": a seda e o cetim amaciavam e iluminam respectivamente a pele; as cores aumentam ou diminuem volumes; as listas alargam ou alteram a estatura.

Ao final, tecidos e cores são responsáveis por essa ilusão. Isso tem sido com- provado não só nos dias de hoje, mas também, segundo Gilda de Mello e Souza, há bastante tempo: "A moda começa, realmente, quando, a partir do Século XIX, des- cobriu-se que as roupas po- deriam ser usadas com um compromisso entre o exibi-

A constante "troca de pe- le", de roupa, começou no Renascimento, conforme indicam os historiadores, com o desenvolvimento das cidades e a organização das cortes que despertavam seus interesses pelos exube- rantes trajes. A vida em ár- eas urbanas começa a desen- volver, sem dúvida, o desejo de competir e imitar.

Entretanto o ritmo acele- rado, de constante mudança de roupa, ocorre na socie- dade de consumo, cujas raízes remontam à Revolução In- dustrial, e que modificaria profundamente a face da nossa sociedade, suas práti- cas sociais, hábitos e gostos. A racionalização do traba- lho, mediada pela máquina, possibilitou a produção em série e a seguir o consumo em massa chega até nós sob a forma que se convencio- nou denominar consumi- mo.

A compulsão para o con- sumo do vestuário, como moda, antecipando os cos- tumes de hoje, se configura

As sensações de ver, to- car, beber e vestir reves- tem-se de erotização, "gozo da pele, liberação do corpo, festa dos sentidos, festa do corpo, corpo fragmentado, inventado graças a uma di- visão analítica, decomposto em lugares sucessivos do erótico. A dispersão dos pra- zeres substitui o espaço sen- sorial integrado de antiga- mente. Metáfora da felicida- de, o corpo é serial. São três os traços que caracterizam o retorno do corpo ao imagi- nário: a transgressão, a co- munição e a apreensão da realidade", escreve Michel Certeau.

O que vemos é ilusão tão real, o fêchê. No entanto, é nessa realidade-simulacral que transita o personagem dos anos 80, objeto de maior atenção: o narcisista, o habi- tante de uma sociedade em fragmentos, que gera um su- jeito aos pedaços, em busca da construção de seu outro eu, mediante o vestuário e os objetos que o cercam.

Produzir e consumir per-

mo é melhor descrito como um estado de desconforto e de ansiedade crônica. O lan- çamento das mercadorias depende, como na moderna produção em massa, de de- estimular o indivíduo quanto à confiança em seus próprios recursos e julga- mentos: nesse caso, o dis- cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintenden- tes, de pesquisadores de mercado e de opinião públi- ca, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele também deve preferir, ou de médicos e psiquiatras que o examinam em busca de sin- tomas de doenças não iden- tificáveis por olhos estreli- nados*.

O prazer e a satisfação li- gados à lei do menor esforço, categorias vivas na socieda- de de consumo, são origina- rios do hedonismo e funda- mentados por filósofos, eco- nomistas e pensadores de todas as épocas. Para Baudrillard (5), "todo

mática no sistema dos obje- tos.

O sistema de objetos "é de tal forma organizado, que os homens deixaram de convi- ver com seus semelhantes para se aproximarem do mundo mágico das merca- dorias".

"À nossa volta existe hoje uma espécie de evidência fantástica do consumo e da abundância, criada pela multiplicação dos objetos, dos serviços, dos bens mate- riais, originando como que uma categoria de mutação fundamental na ecologia de espécie humana. Para falar a verdade, os homens da opulência não se encontram rodeados, como sempre acontecera, por outros ho- mens, mas por objetos. O conjunto das relações soci- ais já não é tanto o laço com seus semelhantes quanto, no plano estatístico, segun- do uma curva ascendente, a recepção e a manipulação de bens e de mensagens, desde a organização doméstica muito complexa e com de- zenas de escravos técnicos



FERNANDO MADEIRA

cionismo e seu recalcque (a modestia)... E se a roupa co- bre conscientemente o cor- po da mulher nem por isso deixa de acentuar-lhe as ca- racterísticas sexuais... O ritmo erótico, portanto, que consiste em chamar a aten- ção sucessivamente para cada área corporal, man- tendo o instinto sexual ace- so, relaciona-se aqui, prin- cipalmente, com a parte que acentua e não com a que desnuda".

Gilda observa ainda que, "do mesmo modo que o es- quema cromático, a fazenda pode ser utilizada para atrair a atenção sobre certas regiões do tronco, os mate- riais ásperos sendo empre- gados nas partes mais apa- gadas, os mais finos nas mais atraentes".

É o próprio corpo vestido, carregado de significação, que sugere estes traços de representação. No seu sen- tido mais amplo, corpo e veste são apanhados em uma linguagem que oscila entre a manifestação e a camuflagem, que passa a enganar aquilo mesmo que a linguagem desveia. A transgressão é recuperada e explorada em benefício do consumo, que fragmenta a realidade e se esconde numa troca de prazeres ou de bens, fala Michel Certeau.

com o processo de indus- tria- lização após a Segunda Grande Guerra: primeiro, com o desenvolvimento da indústria de confecções con- solidada a partir dos anos 50 e, segundo, com a standar- tização da veste (jeans, tê- nis), para cristalizar-se fi- nalmente nos anos 70.

Coincidentemente, é tam- bém nas décadas de 70/80 que se observa o aumento das grifes, das confecções em geral e a sofisticação da publicidade na veiculação da retórica das imagens. Sem esquecer que o cenário dos anos 80 apresenta um show contínuo de estímulos no qual a moda, o design e os meios de comunicação de massa vendem mercadorias feticilizadas desvinculadas de suas funções primeiras, através de informações, dis- cursos ligados ao *status* e à satisfação de desejos.

Produtos feticizados e ideais, disseminados no tempo "pós-moderno" da sociedade teleinformatiza- da: formas, volumes, cores e neon requisitam todos os sentidos. O suporte utilizado é o corpo, portador de outra linguagem, com caracterís- ticas pulsionais, emissor de sintomas que fazem ressal- tar as emoções, lugar onde se dá a explosão dos senti- dos.

fazem a compleição do mundo no qual vivemos. Os personagens narcisistas que co-habitam neste espaço, vivem uma moral hedonis- ta, calcada nos valores do prazer de usar bens e con- sumir serviços.

Segundo Daniel Bell, a "cultura do consumo esti- mula uma ética do hedo- nismo e correi assim a dis- ciplina industrial. O capita- lismo avançado está em de- savença consigo mesmo, na sua visão: necessita de con- sumidores que procurem sa- tisfação imediata e nada ne- guem a si próprios, mas pre- cisa também de produtores que se auto-sacrifiquem, de- sejosos de atirar-se aos seus trabalhos, labutar por lon- gas horas e seguir à risca as instruções".

Christopher Lasch co- menta que "o ponto forte dos argumentos de Bell si- tua-se em sua compreensão do vínculo do capitalismo avançado com o consumis- mo, que muitos observado- res atribuem meramente aos educadores e pais per- missivos, à decadência mo- ral e à omissão das autori- dades.

O seu ponto frágil está na equiparação tão estreita en- tre consumismo e hedonis- mo. O estado de espírito promovido pelo consumis-

o discurso sobre as neces- sidades assenta numa antro- pologia ingênua: a da pro- pensão para a felicidade". Acrescenta ainda que "ins- crita em caracteres de fogo, por trás da menor publi- cidade para as Cênarias ou para os saís de banho, a fe- licidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo".

O consumo, conforme Baudrillard, "surge como um modo atrativo da relação (não só com os objetos, mas ainda com a coletividade e o mundo), como modo de ati- vidade sistemática e de res- posta global que serve de base a todo o sistema cul- tural".

Tanta é a profusão de ob- jetos na sociedade de con- sumo, amontoados ou em coleções, que cada um deles existe não só em virtude da utilidade específica e indivi- dual, mas também em seu significado na relação com a totalidade de objetos.

Eles dão suporte a gestos mecânicos, num ritual codi- ficado, inflexível, que, em geral, começa com o uso de objetos pessoais no banheiro até a mesa do café. Estes objetos estão enquadrados em códigos rígidos, prede- terminados, e a falta de uma simples colher no aparelho de café causa ansiedade, pois trata-se de um desar- ranjo, uma ruptura sintag-

até o "mobiliário urbano" e toda a maquinaria material das comunicações e das ati- vidades profissionais até o espetáculo permanentemente celebratório do objeto na pu- blicidade e as centenas de mensagens diárias emitidas pelos *mass media*".

Os *shoppings, drugsto- res* e supermercados são os lugares privilegiados do consumo na nossa socieda- de. É lá que as pessoas en- contram os objetos descar- táveis e perecíveis para lhes fazer companhia no interior de seu apartamento.

Reforça a idéia a inaugu- ração, no Rio de Janeiro e em Curitiba, dos *multiple shops*. Apesar do nome ser norte-americano, a idéia é inédita no mundo e desta vez não é importada dos grandes centros, como Paris ou Nova Iorque. O ato de fazer compras foi agregado a uma atividade "cultural, so- cial e esportiva". Dessa for- ma, as boutiques de roupas convivem no mesmo espaço com lojas de móveis, flores, além de galerias de arte, academias de ginásticas e bares.

* VALDA DE QUEIROZ é jorna- lista e mestra em Comunicação pela UnB. O presente ensaio compõe-se de excertos de sua tese. Endereço para correspon- dência:

Estante

Hermilo
A Editora Mercado Aberto está programando para o próximo dia 15 o relançamento nacional do romance *Margem das Lembranças*, do pernambucano Hermilo Borba Filho. O livro é o primeiro volume da tetralogia *Um Cavaleiro da Segunda Decadência* em que o autor, misturando ficção e lembranças, diseca a decadência da região canavieira de Pernambuco.

Tropicalismo.

O sociólogo-tropicalista mineiro, professor da Universidade de Juiz de Fora, Gilberto Felisberto Vasconcelos, depois de botar em pratos limpos o programa de Xuxa, que chama de "cabaré infantil", volta suas baterias para o contrarêo chamar Franco. A tese chamar *o Predeterminado*, explica os fenômenos que levaram o mineiro a Presidência. Quando o autor encontrar editor, vale a pena ler o trabalho.

Pixote

Baseado em uma reportagem que fez sobre meninos de rua, o escritor José Louzeiro escreveu o romance *A Infância dos Mortos*, que terminou servindo de argumento para o filme *Pixote — A Lei do Mais Fraco*, do cineasta Hector Babenco. Fernando Ramos da Silva, que protagonizou o filme, acabou envolvido na roda-viva daqueles que inspiraram Louzeiro. Agora, o autor volta à reportagem para contar a história de Fernando. O livro *Pixote — A Lei do Mais Forte*, lançado pela Editora Civilização Brasileira, procura resgatar a comção e a revolta geradas pelo episódio.

Plebiscito

Para quem quiser entender o que se esconde por trás de toda a propaganda eleitoral que envolve o plebiscito marcado para o dia 21 de abril, o deputado e jornalista Alvaro Pereira condensou num único volume os argumentos e teorias sobre forma de governo. O resultado está no livro *Carta e Coroa*, editado pela Editora Globo, lançado em Brasília no último dia 03.



Funcionários inauguram espaço de convivência Espaço de Convivência

Imaginem uma praça em torno da qual encontramos duas agências bancárias, uma dos Correios, uma Biblioteca e uma associação. E, é claro, alguns bancos. Agora, deixem a imaginação de lado e ocupem-no, porque é isto que deseja a sua idealizadora, Maria Duarte, servidora desta casa. Inaugurado no dia 10 de fevereiro, o Espaço de Convivência é uma antiga idéia da Divisão de Segurança Social de humanizar um pouco mais o ambiente de trabalho. Assim, com o apoio da 2ª Secretaria, o que foi uma garagem é hoje lugar de convivência fraterna. O projeto é da arquiteta Silvia Helena Pereira.

Drogas.

O escritor Júlio Emilio Braz vem se especializando em tocar no nervo exposto da sociedade para falar aos adolescentes dos perigos da vida moderna. Depois do sucesso de sua novela *Infanto-Juvenil*, *Enquanto Houver Vida Viverá*, onde fala da Aids, a Editora FTD está lançando *Abre-te, Sésamo*, onde o mundo de fascínio e terror do crack e de outras drogas é martelado.

GOLPES

Em pleno debate entre presidencialistas e parlamentaristas, o jornalista Luiz Adolfo Pinheiro deverá lançar ainda este mês o seu novo livro *A República dos Golpes* (de Jânio a

Samuel). O autor conta a história dos golpes recentes sofridos pela república brasileira, reunindo a mais extensa bibliografia sobre o assunto em um único volume. A renúncia de Jânio dá início a uma sucessão de golpes até o movimento pró-Samuel, depois da morte de Tancredo Neves. O lançamento é da Editora Best-Seller.

Cidadania

Em meio a "guerra" parlamentarismo x presidencialismo, o escritor Jô de Araújo, lançou no último dia 3, no Salão Nobre do Senado, o seu livro *Parlamentarismo — A Hora e a Vez da Cidadania*, publicado pela Editora Vozes. Já é quase certo que os presidencialistas reagirão nos próximos dias com novos lançamentos em defesa de suas idéias.

Tiradentes

Um fato obscuro da História do Brasil há muito inquietava o romancista Assis Brasil. Tiradentes fora substituído por outra pessoa no instante em que ia para a forca. A confusão será esclarecida no romance *Tiradentes, Poder Oculto o Livro da Força*, que será lançado brevemente pela Editora Imago.

Questão moral

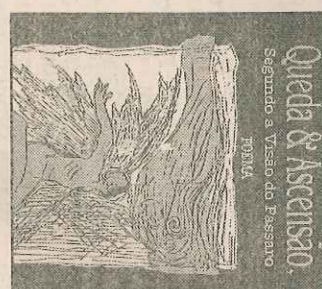
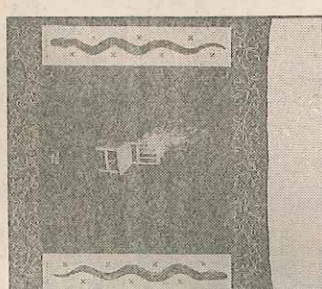
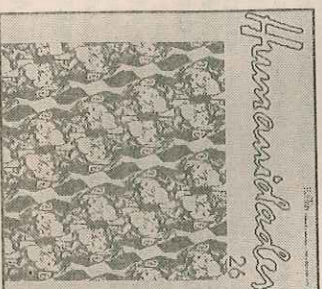
Um grupo de livreiros da cidade está indo à forca. Eles garantem que irão colocar placas em suas livrarias alegando questões morais para não venderem o livro explosivo do ex-poi-ta-voz Cláudio Humberto.

Associação

A Diretoria da Associação Nacional de Livrarias eleita para o biênio 1993/95 tem participação de Brasília. O livreiro Ivan Silva.

Aparecido

O escritor mineiro-candango Allan Vigliano recebeu do embaixador brasileiro em Portugal, José Aparecido de Oliveira, uma missão árdua e, paradoxalmente, doce. A consolidação de uma fundação cultural em Conceição do Mato Dentro (MG), terra de Aparecido. A inauguração já está marcada para o dia 23 de junho e contará com as presenças dos presidentes Itamar Franco e Mário Soares.



Resenha

Flauta Rústica — por Clóvis Sena —

Uma *gesta* em torno da cultura ocidental, extraída em pequenos rinhos do Maranhão e do Pará. O autor, especialista na leitura dos clássicos gregos e latinos, encontrou extraordinária vela para reestudar com recorrências e citações universais, o antigo ambiente cultural do Norte do País Ed. THE-SAURUS, Brasília, DF.

HUMANIDADES: A

Editora da Universidade de Brasília, tem conseguido quase o impossível: A recuperação de um ano de atraso da "Humanidades", (que é quadrimensal), em apenas três meses de seguidas edições. O volume 7, Nº 1, dedica-se à obra do filósofo alemão MAX WEBER, autor de uma vasta literatura sociológica.

CANÇÕES CENTER QUARTERLY —

Excelente publicação do Canções Center para o estudo da língua portuguesa, da Universidade de Columbia, USA. Em seu volume 4, Nºs 1 e 2 — Primavera e Verão — enlaca o tempo das descobertas marítimas, com ênfase na história portuguesa, incluindo-se aí as profundas relações familiares e de amizade de Cristóvão Colombo em Portugal.

Revista Cultura —

Publicação da Secretaria de Comunicação e Cultura do governo Chileno. Traz seu último número dedicado aos problemas do cinema chileno e latino-americano, que tem em Vina Del Mar, Festival Chileno, um dos momentos mais expressivos da cinematografia do continente. Revista Cultura n.º 6, Outubro de 1992, Santiago, Chile.

QUEDA E ASCENSÃO — Segundo a Visão do Pássaro — por Delermundo Vieira.

O autor é um dos bons poetas da meia-estação goiana, com poemas embebidos de esoterismo, de boa ourivesaria literária. O autor tem sido premiado em diversos concursos de poesia, inclusive no caso deste livro que é Prêmio Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos — Edição da Secretaria de Cultura do Município de Goiânia, 1991.

JOÃO SEVERIANO

— Biografia pelo general-médico Alberto Martins da Silva, João Severiano da Fonseca, patrono dos médicos militares, era irmão do fundador da República. Deodoro da Fonseca. Lutou na guerra do Paraguai e era excelente observador, deixando o livro "Viagem ao Redor do Brasil", de 1875-1878, sem dúvida um clássico no gênero. Ed. Biblex — Rio de Janeiro, 1989.

INSÓLITO
Caminha
velejo,
sonho....

Cavaleiro
voo
canso.

Busco,
confusa
me perco

Mil face
se amam
trapaça
passam
de mim.

Divago,
ando,
tropeço:
encontre

Ávida, in
devora-n
porém,
samente

Olho,
não sabe
beija-flor
rola.
Bolas!

Traquejd
durno,
almejo:
te vejo.

Beija,
a m a,
suga,
proclama

Anseio,
deliro,
temo:
atropelo
Pau,
insólita,
só,
engaiola

Agora,
d' a trégua
liberta en
eu mesmo
de mim.

Siriel Ma

INSÓLITA

Caminho,
velejo,
sonho...

Cavalgo,
vão
canso.

Busco,
confusa
me perco.

Mil faces
se amam,
trapaçam,
passam adiante
de mim.

Divago,
ando,
tropeço:
encontre você.

Ávida, imploro,
devora-me
porém,
somente por fora.

Ólico,
não sabe ir além,
beija-flor insaciável
rola.
Bolasi

Traquejo,
durmo,
almejo:
te vejo.

Beija,
a m a,
suga,
proclama amor

Anseio,
deliro,
temo:
atropelo você.

Pabu,
insólita,
só,
engaiolada.

Agora,
d' a trégua:
liberta enfim,
eu mesma liberta
de mim.

Siriel Maria Davi

COLOCAÇÃO

O casamento
é meu lado esquerdo
capenga,

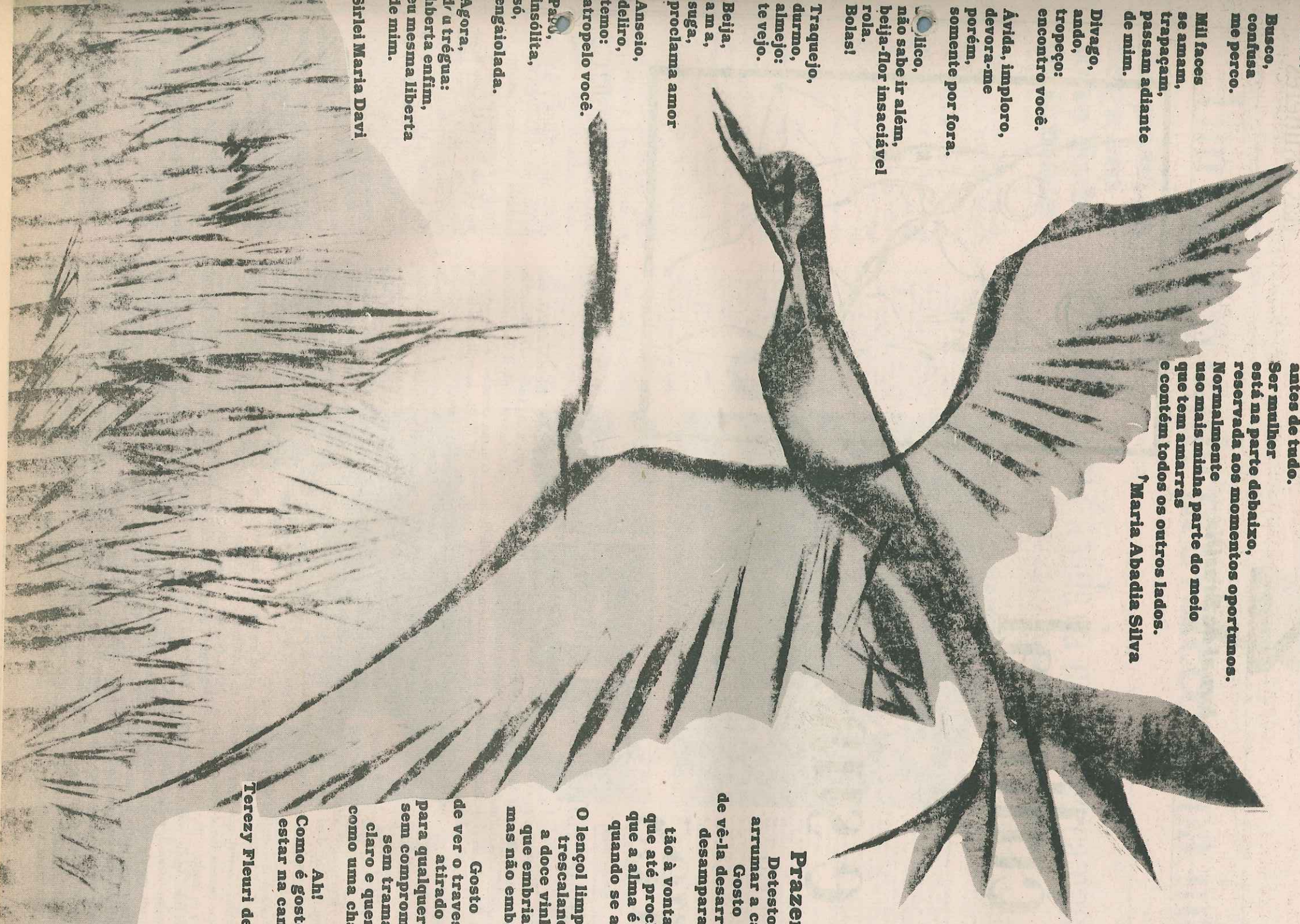
gême, aprendendo.

Ser mãe
é meu lado de cima,
antes de tudo.

Ser mulher
está na parte debaixo,
reservada aos momentos oportunos.

Normalmente
uso mais minha parte do meio
que tem amarras
e contém todos os outros lados.

Maria Abadia Silva



Prazer

Detesto
arrumar a cama.

Gosto
de vê-la desarrumada,
desamparada,

tão à vontade,
que até proclama
que a alma é livre
quando se ama.

O lençol limpinho,
trescalando
a doce vinho,
que embriaga,
mas não embarga.

Gosto
de ver o travesseiro
atirado
para qualquer lado,
sem compromisso,
sem trama,
claro e quente
como uma chama.

Ah!
Como é gostoso
estar na cama!

Ierezy Fleuri de Gódoi

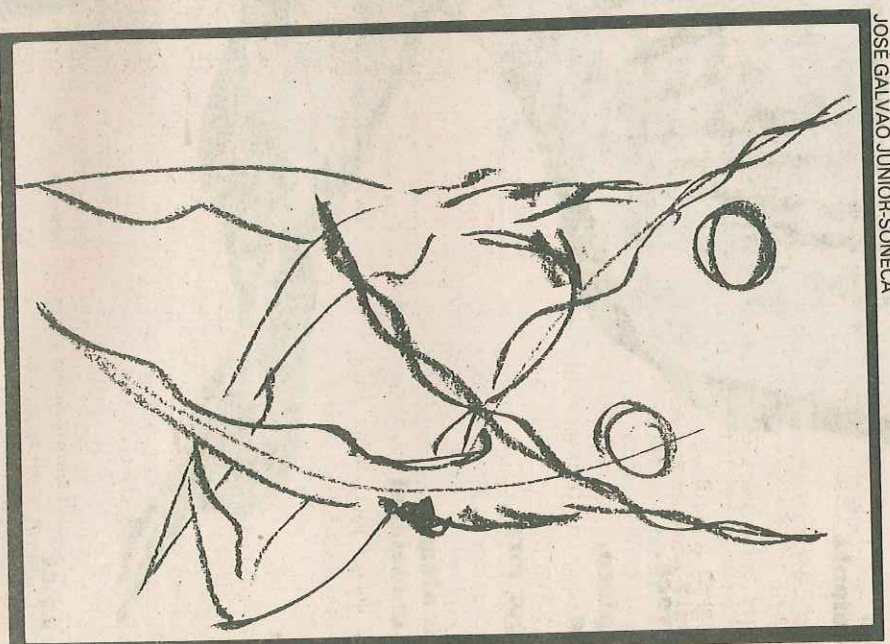
P
O
E
T
A
S

O Festival de Cinema merece mais respeito.

Jornal de Brasília

Fellini faria aqui "Cidade das Mulheres"

JOSÉ GALVÃO JÚNIOR-SONECA



A vida cultural do DF e suas mulheres

NESTE ARTIGO, A JORNALISTA CONTESTA A IMPRENSA DO RIO E SÃO PAULO E MOSTRA ONDE PULSA O CORAÇÃO DE BRASÍLIA.

Quando os repórteres das Editorias de Cultura dos jornais brasileiros vão ao Rio (ou São Paulo) cobrir eventos de alcance nacional, costumam ouvir perguntas do tipo: "O que vocês fazem em Brasília? Há vida cultural por lá?"

Aqui, só ouvimos falar das (más) ações dos políticos no Congresso Nacional, na Esplanada dos Ministérios, nos Palácios do Planalto e Alvorada*. É um custo convencional de que há outra Brasília fora do conjunto arquitetônico que Niemeyer incrustou na parte baixa do Eixo Monumental. Há uma Brasília que pulsa na UnB, no Teatro Nacional, no cinema da Cultura Inglesa e da Embaixada da França, no Teatro Dulcina, no Conjunto Cultural da CEF, nos clubes da AARB e AABR, no Cine Brasília, no Beirute e no Estação 109. Há, ainda, cidades-satélites que derramam vida civil, embora careçam de serviços de infra-estrutura em suas periferias.

Não adianta tentar convencer os colegas do Rio e de São Paulo de que há vida cultural em Brasília. Para eles, a cidade é sinônimo de faletrua de políticos, não tem esquinas, não tem cor. Só o verde da grama (na época das águas) e o cinza dos prédios. Na seca, tudo se resume ao cinza.

Festival — O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que este ano terá sua 26ª edição, é o único evento cultural da cidade que — ainda — mobiliza a imprensa cultural brasileira. Mesmo sendo o Festival mais antigo do País (foi criado em 1965, por Paulo Emílio Salles Gomes), não goza da fama que merece. É visto como um hiato na modorrenta vida cultural da cidade. Agora, com a crise do cinema nacional, então, virou nota curta em alguns suplementos dos mais importantes jornais do País. Mesmo que centenas de pessoas disputem ingressos para assistir aos filmes que programa. Um público — diga-se de passagem — participante, crítico, capaz de dei-

xar Cláudia Raia, nos tempos em que era musa de Collor, em maus lençóis. Banhada em vaías.

Houve um tempo em que Brasília ganhou espaço na mídia. Daqui saíram bandas de rock como Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe Rude, Detrito Federal, entre outras. Com o boom do pop brasileiro, a cidade passou a ser citada como uma das matrizes do novo som que invadiu o rádio. A onda passou e Brasília voltou a ser — apenas — o celeiro (ou abrigo) de políticos "corruptos".

Não importa que aqui vivam — e trabalhem — artistas como Athos Bulcão, Glênio Bianchetti, Vladimir Carvalho, Geraldo Moraes, Pedro Jorge, os compositores Clodo, Clésio e Clímério, a família Ernest Dias com suas flautas e violões, Jorge Antunes e Guilherme Vaz, com sua música contemporânea; Hugo Rodas, com seu teatro inovador. A imagem da cidade pertence aos políticos. E só a eles.

Mulher — Se Fellini conheces-

se Brasília, decerto ambientaria, aqui, a sua *Cidade das Mulheres*. E aplacaria muito do tom grotesco com que desenhou o filme. Afinal, nesta cidade, as mulheres desempenham papel de relevo. Mesmo que sejam poucas nos postos de comando na Esplanada dos Ministérios e nunca tenham comandado o Planalto. Mesmo que ainda sejam minoria no Congresso Nacional.

Mesmo assim, elas estão na linha de frente na imprensa (nas redações, o número de repórteres do sexo feminino cresce cada vez mais), nos teatros, nos agito culturais, na busca enfim de uma imagem mais humana para Brasília.

Por isto, vale lembrar algumas mulheres que fazem o dia-a-dia desta cidade: Márcia Kubitschek, a vice-governadora; Lúcia Carvalh, Maria de Lourdes Abadia e Rose Mary Miranda, deputadas distritais; Maria Laura, deputada federal; Maninha e Erika Kokai, presidentes dos Sindicatos dos Médicos e Bancários, respectiva-

mente; Maria Duarte, a mais importante pesquisadora das especificidades candangas (autora do livro-tese *Educação pela Arte* numa Cidade Nova: O Caso Brasília); Lydia Garcia e seus agitos com a cultura afro-brasileira; Cristina Roberto e seus aprontos (primeiro no Bom Demais, depois no Café Belas Artes); Maria Luíza Dornas, titular da Fundação Cultural; Beré Bahia e o cinema alternativo; Myrea Soares, Marlene Libardoni e Ana Costa, postulantes por um feminismo novo e enriquecedor; Marilena Chiarelli, Teresa Cruvinel, Antonieta Goulart, no jornalismo; Norma Lília, Lúcia Toller e Asta Rose Alcáide, no campo da dança e da ópera. Leda Watson, na gravura; Eliane Carneiro, Yara Pietrowski, Johane Madsen, nas Artes Cênicas. Elas são tantas...

*Repórter do Caderno 2, do Jornal de Brasília, Mineira do Coromandel, 37 anos, há 23 em Brasília. Adora a cidade.

Com uma equipe formada por 14 pessoas, Mulher circula aos sábados com oito páginas. Sua primeira edição saiu no dia 20 de abril de 1991. Página.....

Mulher

CORREIO BRAZILIENSE

As pautas seguem uma linha polêmica

Sempre em busca da boa informação, o caderno MULHER do CORREIO BRAZILIENSE já nasceu maduro rompendo em sua concepção, com a tradição de mais de um século de jornalismo feminino no Brasil. Surgiu rejeitando aquela coisa velha e preconceituosa que se traduz no jargão "de mulher para mulher". Foi assim que nasceu o projeto da jornalista Liana Sabo.

Quentes e polêmicos, os assuntos ali tratados não são privilégios apenas das mulheres. Para circular aos sábados, com suas oito páginas, as pautas são democraticamente discutidas nas tardes de quinta-feira. E preocupam-se, sobretudo, com a boa informação. Assim, assuntos que, em princípio, seriam de interesse exclusivamente feminino ganham a atenção de todos. A maior parte dos leitores é de classe média alta e compõem-se tanto de mulheres quanto de homens. "A importância, acreditamos, é meio a meio" — ressalta Lourenço Fráguas, subeditor.

Com uma equipe de 14 pessoas, entre as quais sete mulheres, MULHER teve seu primeiro número no dia 20 de abril de 1991. Na capa, a reportagem da chegada de Lady Di ao Brasil. Oito meses depois, no dia 28 de dezembro, o caderno inaugurava a impressão em cores no CORREIO BRAZILIENSE, com a deputada Rita Camata na capa.

Com o jornalismo solo, competente e profissional, MULHER também corre atrás dos furos jornalísticos. Com o sugestivo título de "Namoro à Mineira", suas páginas revelaram para o País a primeira namorada, Lislê Lucena. Números depois, a foto de capa foi o próprio presidente chamar Franco. O título, maliciosamente feminino, era "Ele sem Ela".

Se as capas têm o seu charme e apelos próprios, as demais seções do MULHER encarregam-se de trazer uma miscelânea de informações, para

CORREIO BRAZILIENSE, Brasília, sábado, 27 de fevereiro de 1993

AGRICULTURA

Difícil e dura é a vida da mulher no campo

No meio rural as mulheres enfrentam, de sol a sol, jornadas duplas e triplas de trabalho árduo



A atividade agrícola das mulheres revela um quadro de dificuldades e discriminações que a sociedade precisa ainda ignorar



Clara Godard

ma história de discriminação, dificuldade e de lutas. Talvez esta possa ser a melhor definição que se tenha para classificar a vida da mulher rural e sua participação na atividade agrícola.

Segundo a jornalista agrícola, a mulher enfrenta dificuldades para conseguir viver a vida profissional com a doméstica, no meio rural a mulher trabalha efetivamente em jornadas duplas e até mesmo triplas. Dependendo do região onde ela mora, a situação pode ser ainda mais complexa. Dependendo do tipo de cultivo, ela pode trabalhar no campo, na lavoura, na produção agrícola tanto para subsistência como para comercialização. E com muito mais dificuldades, pois na maioria das vezes, ela não tem acesso a serviços básicos de saúde, lazer, educação, transporte, saneamento e até mesmo a água potável.

Como todo o trabalho feminino, o da mulher rural também é invisível à sociedade. Clara Godard, 39 anos, é produtora de milho, em Embaé, no Ceará. "Nos países desenvolvidos, nos casos de produção de milho, a mulher produz o milho e o homem produz o produto final, a farinha, a cultura, incluindo pulão, colheita, armazenamento e posterior distribuição", afirma Clara. "No Brasil, a mulher faz tudo, desde a produção até a distribuição, sem receber nada por isso".

Histórias escritas com suor e trabalho

Dona Rosa Maria de Menezes tem 56 anos e mora em São Paulo. Ela é uma mulher rural e trabalha em uma fazenda de café. Ela não tem uma educação formal, mas sabe ler e escrever. Ela trabalha desde cedo e sempre com muito suor e trabalho. Ela tem três filhos e todos trabalham também no campo. Ela é muito orgulhosa do seu trabalho e de sua família.



Dora Rodrigues, lida por transporte



Antônia Dantas, migrante isolada



Lúcia Chaves, líder do sem-terra



Dona Rosa Maria trabalhando em sua fazenda, o que lhe custa noites sem dormir e muito cansaço

com quatro albas de alfa para o cultivo de primeiro grau, que com muito custo conseguem produzir. Mesmo considerando os custos que a mulher promove no meio rural, ela não consegue vender o produto no mercado. Ela tem que vender o produto a um preço muito baixo, e isso não lhe dá condições de viver. Ela tem que trabalhar muito e não recebe nada por isso. Ela é muito orgulhosa do seu trabalho e de sua família.

Mesmo assim, pequenas conquistas a encorajam, no próximo dia 8 de março, deverá comparecer à reunião da escola rural.

Lentamento define o perfil

Até meados de 1980, a mulher rural era vista como uma pessoa que trabalhava no campo e não tinha acesso à educação e à saúde. Ela era vista como uma pessoa que trabalhava no campo e não tinha acesso à educação e à saúde. Ela era vista como uma pessoa que trabalhava no campo e não tinha acesso à educação e à saúde.

Atualmente, a mulher rural tem acesso à educação e à saúde. Ela é vista como uma pessoa que trabalha no campo e tem acesso à educação e à saúde. Ela é vista como uma pessoa que trabalha no campo e tem acesso à educação e à saúde.

Atualmente, a mulher rural tem acesso à educação e à saúde. Ela é vista como uma pessoa que trabalha no campo e tem acesso à educação e à saúde. Ela é vista como uma pessoa que trabalha no campo e tem acesso à educação e à saúde.

Mulher publica toda uma variedade de informações em bem planejadas seções. A "Mile Uma", por exemplo, é dedicada à literatura. Página.....

todos os gostos. Notas, crônicas, culinária, moda, medicina, política e entrevistas, tudo ali concorre para uma leitura agradável.

O caderno MULHER oferece toda uma variedade de informações em bem planejadas seções. Familiarize-se com elas:

Maria — É uma coluna de notícias que difere das antigas colunas sociais, posto que o que ali se publica é sempre de interesse da comunidade e nunca produto do "lobby" das sociedades locais. É claro que nem por isso deixam de frequentá-la rostos bonitos.

Mil e Uma — Um espaço reservado à literatura. Contos e crônicas fazem deleite dos leitores.

Memórias — O nome já diz tudo. É aqui que reencantamos as velhas personagens que, vivendo no ostracismo, marcaram época na vida da cidade ou do País.

Malícia — Quem não gosta de ficar conhecendo alguns velhos e novos truques de como retocar a maquiagem ou esconder a primeira ruga?

Tradição — Atualmente, poucos jornais brasileiros dedicam um caderno a temas que, em tese, seriam de interesse exclusivo da mulher. Ao fazê-lo, o CB, com o projeto da jornalista Liana Sabo, alçou a modernidade o que existe de mais tradicional no jornalismo feminino brasileiro.

Segundo a jornalista Áurea Varjão, MULHER não é um caderno feminista. Nem exclusivo das donas-de-casas. É jornal para mulher, mas sem deixar de lado a procura do novo. Não o novo da notícia, mas o novo de uma identidade e ideologia próprias.

Na história do jornalismo feminino no Brasil, o primeiro jornal de que se tem notícia surge, em 1827, com essas mesmas características. "O Espelho Diamantino", do Rio de Janeiro, "é um periódico de política, literatura, belas-arts, teatro e moda dedicado às senhoras brasileiras". É o que nos relata o jornalista e escritor Gordin Fonseca, no seu livro "Biografia do Jornalismo Carioca".

A modernidade fica por conta de um bem cuidado projeto gráfico que abriga boas fotos e textos leves. E tudo isso você encontra no "MULHER" do CORREIO BRAZILIENSE.

para mulher

Batem injustiças

mostrando claramente suas preocupações com os problemas sociais, em as que ainda se cometem contra a mulher. Do machismo cínico que só se um planejamento que evite a gravidez indesejada, nada foi esquecido. ani por elas.

MalvaCaixetaMarinho
União Ação Social



Maria de Lourdes Abadia, do PSDS

trinta a violência

rantam a preservação de seus direitos como propõe a deputada Rose, inclusive com o acesso ao apoio psicológico e social, conforme a proposta.

A deputada acredita que a sua iniciativa vai ampliar a eficácia dos serviços já prestados pelo poder público nessa área. Só no ano em que apresentou o projeto, 1991, dados oficiais divulgados pela deputada apontavam o registro de mais de mil e 300 casos de agressão a mulher, prática que, em 90 por cento dos casos, ocorre na residência da vítima. "Após a denúncia e o respectivo registro, a mulher, muitas delas sem condições financeiras, fica sem ter um lugar seguro para abrigar-se", justificou Rose.

A Delegacia da Mulher existe desde 1987 e atua no sentido de oferecer total apoio às mulheres que se sentem atingidas em seus direitos fundamentais. As investigadoras recebem as denúncias, ouvem as partes para, então, iniciar as investigações, mas muitas vezes esse trabalho é dificultado pelo fato de os maridos ou companheiros, sob ameaças, obrigarem as suas vítimas a retirar a queixa. Isso, praticamente inviabiliza as investigações.

As mudanças sociais promovidas em benefício da mulher e a conquista de direitos legais que buscam a igualdade de condições e a ampliação de sua área de atuação, parecem ainda não terem sido assimiladas

"Acredito que a lei que apresentei sirva para acabar com o aborto clandestino", deputada Maria de Lourdes Abadia

Abadia defende o planejamento da família

Planejar o número de filhos que se quer ter parece tarefa fácil para as famílias na sociedade moderna. Mas os métodos contraceptivos não são acessíveis a todas as classes sociais, sendo que as de menor poder aquisitivo têm maior dificuldade de obter esclarecimentos nesse sentido e, em consequência, não são raras as vezes em que a mulher, por não ter sido orientada adequadamente em relação ao sexo, vê-se obrigada a assumir uma gravidez indesejada. E foi essa preocupação que levou a deputada Maria de Lourdes Abadia (PSDB) a apresentar projeto, já transformado em lei, obrigando o Executivo, através da Rede Pública, a oferecer serviços para atendimento à saúde da mulher e assistência para planejamento familiar.

São vários os métodos anticoncepcionais existentes, sendo que alguns deles chegam até mesmo a ser desconhecidos pelas mulheres. Dentre os métodos naturais estão a histórica "tabelinha" (Ogino-Knaus), a prevenção através do controle do muco cervical (Billings) e o controle da temperatura basal. O método barreira engloba os preservativos, os diafragmas e os espermaticidas. Existem, ainda, o DIU e o anticoncepcional hormonal, que é a pílula. Esta, por oferecer vários efeitos colaterais, deve ser bem selecionada e indicada pelo médico. Já a ligadura de trompas, outra opção, deve ter a sua indicação restrita.

A nova lei, que levou o número 331/92, assegura à mulher assistência integral à saúde, em ações de caráter preventivo e curativo, relacionadas à gestação, parto e pós-parto e assistência clínico-ginecológica, dentre outras providências. A iniciativa de Maria de Lourdes vai ao encontro da política que vem sendo implantada pela Secretaria de Saúde, que já mantém programas exclusivamente direcionados à mulher, dentre os quais a "Sala da Mulher", em funcionamento há quatro meses nos Centros de Saúde da Rede Oficial.

Além disso, também são realizadas nos Centros de Saúde reuniões educativas semanais sobre saúde reprodutiva, onde são dadas todas as explicações sobre o processo da gravidez e mostrados os métodos contraceptivos disponíveis.

César Paes Barbosa revelou que a política de saúde implantada na Secretaria nos últimos quatro anos, através do Programa de Assistência e Reprodução Humana, garante a toda mulher que recorrer ao Centro de Saúde de sua região, o acesso ao método escolhido para evitar a gravidez. Também são fornecidas informações sobre as complicações ou efeitos colaterais resultantes de cada um deles.

A lei originária do projeto da deputada, tucana chega para expandir o alcance dessas iniciativas. Veda, no entanto, a qualquer instituição, a indução ou repressão à decisão da mulher, ou do casal, de procriar ou evitar a procriação. A expectativa de Maria de Lourdes é que a lei de um fim à prática clandestina do aborto, já que estarão à disposição da mulher todos os meios científicos disponíveis na medicina para evitar a procriação, desde que sejam respeitadas a idade, a saúde, a religião e a vontade dos casais. Quando apresentou a proposição, a deputada pensou no cumprimento da Constituição, que prevê essas providências.

Em 1984, conforme estimado feito pela Secretaria de Saúde, 50 por cento das mulheres em idade fértil tinham as trompas ligadas. Hoje, segundo revelou César Paes, a realidade é outra, graças à ação da Secretaria, apesar de o resultado ainda não ser o ideal. A meta, segundo ele, é ampliar o universo de mulheres orientadas para utilizar métodos anticoncepcionais de maneira correta e, também, desestimular a prática do aborto, cujos casos em 1993 chegaram a cerca de 4.800. Ele defende, também, um programa especial de atendimento às adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de acordo com dados do ano passado, um por cento das mulheres utilizava método natural para evitar a gravidez; 21 por cento faziam uso do método barreira; 58 por cento tomavam a pílula; 11 por cento utilizavam o DIU e 8 por cento tinham feito a opção pela ligadura de trompas. Em 1992, foram realizados 37.556 partos em todo o DF. Desse total, 4.864 foram classificados como casos de intercorrências.

De Homem para Mulher

Elas falam sobre elas. Cada um a seu estilo, com sua própria visão, a seu modo, falam da mulher, da importância do seu papel na sociedade, lembram e condenam as discriminações e os preconceitos.

Todos são unânimes em homenageá-las.

Apesar de todos os avanços obtidos pelas mulheres brasileiras com a atual Constituição, a situação, na prática, pouco mudou. No Distrito Federal, por exemplo, a grande parcela de desempregados é formada por mulheres. O estupro continua liderando a lista de ocorrências policiais, além do que a Capital do País mantém um dos mais altos índices de mulheres esterilizadas por ligadura de trompas. Precisamos reverter esse quadro! Deputado Agnelo Queiroz do PC do B



Considero a mulher o eixo da família e da sociedade. É sob a inspiração da mulher que os homens tr a b a l h a m , a g e m e d e c i d e m . Nada mais justo que mais espaços sejam abertos à mulher e que a homenagem pelo seu dia, que, no meu entendimento, são todos os dias do ano. Deputado Aroldo Satake, do PP



Admiro e acredito cada dia mais na capacidade e contribuição da mulher, atual, participante e moderna para nossa sociedade. Faço questão como presidente do Legislativo local de prestigiar-las, para tanto os avanços desta casa superam até os do Congresso Nacional pois, as três Deputadas, únicas mulheres entre os 24 Deputados, ocupam postos-chave dentro do Legislativo do DF. Deputado Benício Tavares, do PP.



Este é um dia especial para se prestar homenagem às mulheres. Na verdade, simboliza a luta, que devemos travar todos os dias, contra as profundas discriminações e violências que lhes são cometidas. Dediquei e dedico minha vida a lutar por uma sociedade justa e fraterna, onde as mulheres tenham um papel de destaque. Um mundo mais feliz, sem dívida alguma, será melhor que o atual. Deputado Carlos Alberto, do PPS



"Mais do que um dia de comemoração, este é um dia de reflexão. Apesar das inúmeras transformações sociais, que permitem a mulher galgar um espaço justo na sociedade, ainda estamos necessitando de medidas para que essa igualdade de direitos venha a ocorrer na plenitude, principalmente levando-se em consideração a realidade nacional, onde os desníveis sociais são profundos. Com isso, a mulher passa a ser a parte frágil da relação social. Muito já foi feito, mas existe muito, ainda, por fazer. Não é uma luta só das mulheres, mas de toda a sociedade". Deputado Cláudio Monteiro, do PDT.



"Apesar das conquistas dos últimos anos, as mulheres ainda sofrem a opressão da desigualdade que lhes tem sido historicamente imposta. O dia 8 de março, mais do que um símbolo, representa um alerta de que a luta pela conquista da plena cidadania deve continuar, com a participação de todos nós, porque a questão da mulher passa, inevitavelmente, pela questão da democracia, que pressupõe uma sociedade igualitária e justa". Deputado Edmar Frenheus, do PP



O Dia 08 de Março — Dia Internacional da Mulher, além de ser um dia de luta é também um dia de luto. Luta das companheiras que em nenhum momento deixaram de levar adiante os esforços para superar a discriminação, o preconceito e a violência de que também são vítimas. E luto pelas mulheres que não puderam ver na sua existência a conquista de suas metas. E pelas que morreram pela causa. Deputado Euripedes Camargo, do PT.



Mulher, você que é mãe, esposa e amiga, Única rainha do lar, Longe de ti, não conseguiremos viver, Hoje, mais que nunca, a homenagem Em oração, pedindo a Deus que lhe proteja, Redobrando-lhe todo carinho.

Deputado Fernando Naves, do PP



No início deste ano, todo mundo ficou perplexo ante a barbante da guerra civil ingosilpa, que submerseu milhares de mulheres não só ao estupro, mas também às cirurgias que mutilam parte dos órgãos genitais. Ao lembrarmos este fato, tão recente e tão cruel, queremos exaltamente destacar que embora as mulheres ocupem relevantes postos públicos e participem, cada vez mais, do mercado de trabalho, a humanidade ainda convive com práticas odiosas de opressão. Deputado Celso, do PT.



Neste dia estamos comemorando a luta da Mulher pelo completo reconhecimento, do seu papel, como membro da sociedade e como parceira do homem na formação da família. Ao mesmo tempo, reclamamos as mulheres de Brasília, a intensificarem sua luta pela justiça social e consequente erradicação da miséria, mãe de todos os preconceitos sociais. Deputado Gilson Araújo, do PP.



Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, o Deputado Jorge e Cauby lembra que a presença da mulher brasileira confunde-se com a evolução histórica de nosso País, principalmente na formação de nossos conceitos morais, da nossa ética e, acima de tudo, participe fundamental da nossa economia na guerra incessante contra o avilamento dos nossos salários e a disparada dos preços. Deputado Jorge Cauby, do PL.



Minhas Estimadas Companheiras. Tenho a honra de cumprimentá-las no "Dia Internacional da Mulher". Saudosamente e agradecido pelo dinamismo, amizade, paciência e alvices com que trabalham em prol do desenvolvimento da família e da pátria. Neste dia, renovo comovido os meus compromissos de defendê-las, no Parlamento Distrital, e em todas as oportunidades, para que a prática da Justiça Social deixe de ser falácia e sua aplicação não excluda a mulher, pois vocês são os estereos de nossa sociedade. Deputado José Edmar Cordeiro, (sem Partido)



Este é um dia importante. Cada vez mais a mulher ocupa o seu espaço na sociedade. É claro que ainda enfrenta discriminações, mas vence outras com sua crescente capacidade. Associe-me às homenagens, principalmente na figura de minha mãe, já falecida, e na minha esposa, que há 48 anos me acompanha e me apóia, para que juntos possamos fazer o bem ao nosso semelhante. Deputado José Ornelas, do PL.



"No Dia Internacional da Mulher temos dois importantes pontos a observar. Um, mercedor de aplauso e respeito. Outro, exatidão. O primeiro diz respeito à participação ativa da mulher no mercado de trabalho. As mulheres estão em todos os segmentos profissionais, inclusive aqui na Câmara Legislativa do DF, onde estão em cargos de destaque. O ponto que temos a lamentar é a continuidade da violência contra a mulher. Uma violência que vem recheada de impunidade, apesar dos esforços desenvolvidos pelas delegacias especializadas em agressões contra a mulher espalhadas pelo País. Essa violência é o contraponto às relevantes posições que a mulher vem ocupando em nossa sociedade". Deputado Manoel de Andrade, do PP.



Todos gostaríamos de comemorar o fim das injustiças, cometidas em nome de uma falsa superioridade. Não é possível, mas podemos comemorar o fato de o que era utópico está cada vez mais real. Gragas a Deus, o mundo não mais resiste à força da mulher, que menos conquistou, e mais ocupa o seu espaço, e marca os novos tempos com a força da sua sensibilidade. Deputado Maurílio Silva, do PP



A Mulher, essa força Divina sob forma de rosa acolhendo a vida, torna-se a Rainha da Criação.

Deputado Padre Jonas, do PP



A luta da mulher começou há muitos séculos. Mas o Dia Internacional da Mulher, 8 de março, é um marco recente, tendo em vista que a data é um dia de protesto contra o assassinato de um grupo de grevistas, na Inglaterra, no século passado. Os proprietários de uma fábrica atearam fogo no prédio, após fechar as portas do estabelecimento, impedindo as grevistas de saírem. O crime abalou o mundo. Aousadia daquelas mãres, no entanto, não foi em vão. Aousadia de lutar continua viva e permanecerá eternamente, impondo uma vida rumo à igualdade, à fraternidade, ao socialismo, à divisão da riqueza, o respeito às crianças e ao Planeta Terra. Deputado Pedro Celso, do PT.



A mulher, cada vez mais, tem se destacado no mundo atual, seu papel na sociedade tem sido desempenhado com grande êxito. Mas, é na família que ela assume um papel preponderante, de estio da casa, e é justamente por esta razão que a família, já mais, será valorizada se a mulher não for devidamente reconhecida. A mulher, a Célula Mater da Sociedade. Deputado Peniel Pacheco, do PTB



A mulher vem, na estrada do tempo, conquistando os espaços que lhe foram subtraídos, seputando um modelo social de convivência que jamais deveria ter existido. Pelo espírito de luta e de grandeza que move as mulheres de todas as raças, neste Dia Internacional da Mulher, prestamos a nossa homenagem àquela que dá a luz a vida humana. Deputado Salviano Guimarães, do PDT



A mulher esteve injustamente à margem dos seus direitos durante séculos, mas aos poucos vem ocupando um lugar justo na sociedade e no mercado de trabalho. Hoje, o papel que a mulher desempenha em todos os segmentos é fundamental para o progresso da humanidade, mas ainda falta muito para que ela consiga ocupar seu verdadeiro lugar, com direitos e deveres iguais aos dos homens. Deputado Tadeu Roriz, do PP



A mulher só conseguiu sensibilizar a sociedade para com seus direitos depois que assumiu a luta e demonstrou sua importância. Nossa esperança neste 8 de março é que a mulher continue nessa luta para ampliação e consolidação das reivindicações na sociedade, a qual contará sempre com todo o nosso apoio em todas as camadas sociais. Deputado Wasny de Roura, do PT



SANTA DICA MULHER

Nos traços
modernistas
que a
consagraram em
22, Tarsila
do Amaral
retrata
Santa Dica,
in Misticismo
e Loucura,
de Osório César,
S. Paulo, 1939

ELEONORA
ZICARI BRITO

CEUB

A personagem central da história que
passamos a apresentar é

Benedicta Cypriano Gomes, ou Santa Dica,
como era mais conhecida essa mulher.

Nos anos 20, Santa Dica formou e liderou uma
comunidade religiosa em Lagolândia, povoado do
Mucípio de Pirenópolis. Comandou homens ao lado do
Governo de Goiás - em 1925, contra a Coluna Prestes e,
em 1932, contra os revoltosos paulistas.

Sofreu enorme represália daqueles que sentiram-se
ameaçados por essa cabloca de 18 anos,

capaz de transgredir a normatização que a ordem social impunha.

Em 14/10/25, a comunidade da Corte dos Anjos é invadida e
metralhada pela força policial do Estado de Goiás que,
cumprindo ordem de mandado de prisão contra
Santa Dica e alguns de seus companheiros, ▶

deixa um funesto saldo de mortos e feridos. Santa Dica foge entregando-se em seguida à polícia, passando a responder ao processo crime que será o alvo de nossas considerações. (1) *Vítima de uma sociedade presa a paradigmas cuja cristalização deu-se através de um longo histórico, Santa Dica é condenada não pelo crime que a induziu, e sim, em função de sua não adequação a esses paradigmas. Em suma, Santa Dica é condenada por ser MULHER. Através da leitura de trechos do processo, cujo discursos remetem à temática da mulher, procederemos a análise das imagens ali construídas.*

Cenário: Tribunal de Justiça da Cidade de Goiás — Outubro de 1925 — Excertos dos autos do processo contra Benedicta Cypriano Gomes: Diz a PROMOTÓRIA PÚBLICA:

"Há dois anos, mais ou menos, Benedicta Cypriano Gomes, fingindo-se atacadista de um estado anormal qualquer, tem realizado sessões espíritas, nas quais promete aos incautos curas de moléstias curáveis e incuráveis e, arrogando-se santa, subjugava e fascinava toda a população de mais de seiscentas pessoas ignorantes que acreditam piamente no seu imaginário poder, e assim, tem conseguido efetuar casamentos..."

"A denunciada (...) é auxiliada nessa triste profissão que adotou para iludir a boa fé dos romeiros por Alfredo dos Santos, alma dominadora de toda essa comédia (...) bem assim por seu pai Benedicto Cypriano Gomes e seus tios Jacyntho Cypriano Gomes e Gustavo Cypriano Gomes, e pelo seu amásio Manuel José Torres, vilão Coxead, preto que tem péssimos antecedentes judiciais, sendo tido e havido como ladrão reincidente e homicida..."

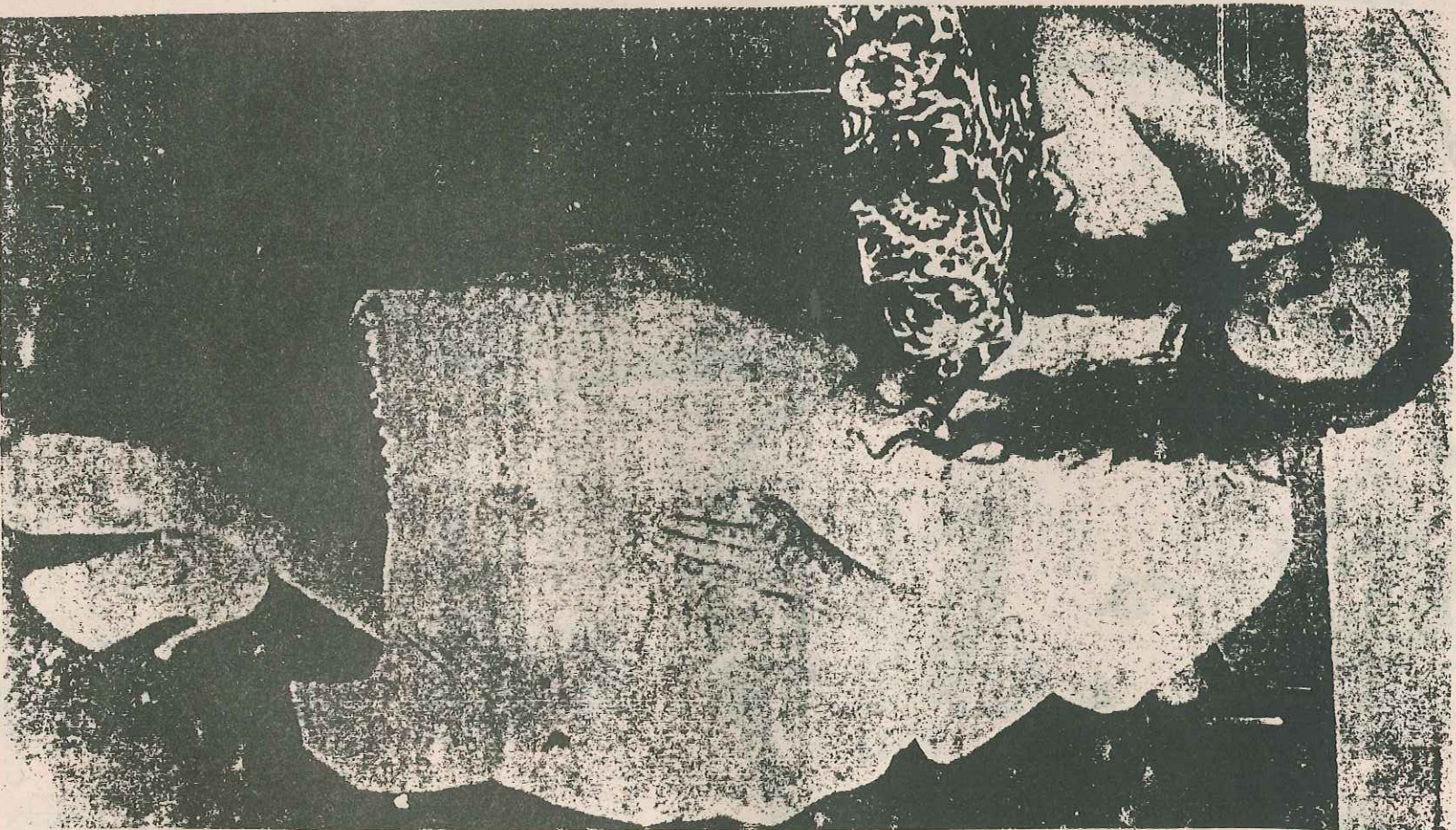
Reafirma o CHEFE DE POLÍCIA:

"... influenciando mesmo com semelhante prática (...) sobre as faculdades mentais de muitos dos incautos que, seduzidos pela sua labia, a procuravam..." (p. 5-A)

UMA TESTEMUNHA

(Antonio Leocadio Jayme) "... Que, cerca de trinta anos conhece os pais e avós de Benedicta Cypriano Gomes; (...) Que sempre conheceu esta família pobre, mas que atualmente, estão todos os seus membros bem remediados, sendo que a própria Benedicta, que andava maltrapilha, hoje tira-se bem, usando até, seda.

Que, há quem diga que Benedicta, que é solteira e menor de dezoito, isto é, anos, habita juntamente com (...) "Coxead" e mantém com este relações ilícitas; Que "Coxead" é estabelecido com negócio (...) em própria casa de Benedicta; Que Benedicta mora separada



de seus pais em companhia de "Coxead" e recebe dos fanáticos muitos presentes...

"...a obediência prestada a Benedicta pelos fanáticos (...) é cega..."

TESTEMUNHA

(Illydio Vespucio) "...Disse mais o depoente que dizem ser Benedicta donzela, mas que elle não

a acha com jeito disso, pois, já a tem visto nesta cidade, juntamente com Coxead, portando-se de modo muito reprovável..."

TESTEMUNHA

(Belmiro Jacintho da Silva) "...Que Coxead mora na mesma casa, juntamente com Benedicta e elle, depoeinte, já os tem visto de

Santa Dica/ Foto álbum de família

automóvel, juntos, dando escândalos nas ruas dessa cidade e em outras ocasiões andando os dois a pé, fazendo supor, como se diz, que mantinham os mesmos, relações ilícitas..."

Volta a atacar O PROMOTÓRIO PÚBLICO:

(Hilário A. de Santos)

"...Benedicta Cypriano Gomes, que segundo estou informado, está favorecendo abertamente a prostituição de menor de 21 annos; pois tem effectuado diversos casamentos, entregando noivas, pobres inocentes à voracidade dos espectralhões que saciados os seus desejos lascivos as abandonam..." (p. 20-A/B)

Apoia o 1º SUPERINTENDENTE DO DELEGADO DE POLÍCIA DE PIRENÓPOLIS (Asdrubal Jayme)

"...quando aqui estive por 2 vezes, a "Santa" acompanhada de seu numero-so "Cortejo", correndo as ruas dessa cidade, zombava das autoridades, dirigindo insultos e provocações dizendo que poderiam mandar no "Jordão" quantos soldados quisessem, que não chegariam para "isca"..." (p. 21-B)

"A Dica regressou da Capital, onde esteve com o seu povo, dizendo que se houvesse outra revolução se collocaria com o seu povo, em franca hostilidade ao Governo e que para o tal "Calado", como dizia, tinha 6 pitombas (Um revolver com 6 balas)" (p. 22-A)

TESTEMUNHA

(Herculano Flores)

"...Certo dia elle, depoeinte, presenciou Dica com um vidro de brilhantina de primeira qualidade, brilhantina essa que se serviu Dica para seus cabellos, logo que a recebeu; Que a noiteinha desse mesmo dia, na sessão a que alli se chamava — Conferência, Dica, detida em sua cama e fazendo as revelações de costume, chamou a atenção dos circunstantes para o perfume que rescendia das suas mãos, dizendo que esse odor era dos Santos Oleos que os anjos — haviam trazido para as suas mãos; Que elle depoeinte, entretanto, ao beijar as mãos de Dica, como era praxe naquellas occasiões em que se realizavam as sessões, sentiu que o cheiro agradável que inalava das mãos de Dica, não era senão o da brilhantina, com que horas antes elle a havia presenciado..."

"Que elle, depoeinte, esteve, por alguns dias, verdadeiramente crente em todos os factos que se passavam na "Lagôa", mas que, logo depois, libertou-se (...) e viu que a romaria da Lagoa entrava em decadência, uma vez que Dica já não se portava como a principio, deixando mesmo transparecer certas desconanças sobre sua honestidade; Que a propósito da honestida-

de de Dica elle (...) tem suas razões, para por em dúvida, porquanto a viu, algumas vezes, sentada ao collo do seu camarada José Franco, a quem *beijava, chapava beijos e lingoa* (os últimos gritos são do escrivão); Que depois desse facto, apreheu outros com Manuel José Torres (...) os quaes delixaram elle (...) bem descrente da lisura do procedimento de Dica, entre elles o de morar Dica juntamente com Coxead, desprezando a casa de seus pais e ter sido vista dormindo abraçada com Coxead e isto presenciado por mais de doze pessoas..."

TESTEMUNHA

(Honório Vicente de Lemos) — 21/10/25

"...Que, ultimamente, Dica morava junto com Coxead, deixando a casa de seus pais e parentes com os quaes se dava bem, despertando, por este facto, certa desconfiança no espirito de muitas das pessoas que alli moravam, no tocante à sua honestidade, mas que elle, depoeinte, nunca presenciou, propriamente, nenhum acto desonesto de Dica; Que Coxead nenhum parentesco tinha com Dica, a quem conheceu ella na "Lagôa"..."

RELATÓRIO DO CHEFE DE POLÍCIA DO ESTADO DE GOIÁS (Celso Calmon N. da Gama) — 24/10/25

"Na Alemanha, (...) foram insurados vários processos sobre bruxaria, entre elles, um contra a mulher de um cabeleireiro, o chamado "meio das flores", espiritista, a qual, com seus bruxedos, illudiu e prejudicou até pessoas que se diziam de certa cultura.

A leste da Russia, em virtude de de obscuras ideias religiosas, várias victimas da superstição causada por essas ideias, procuraram a morte (...) fazendo-se seppulhar vivas ou deixando-se encerrar em espaços fechados.

A iniciadora dessa desgraça estava fechada dentro de uma parede e louca.

Era, também, uma mulher. Diz-nos Ascheffenburg (...) "Esta catastrophe ter-se-hia evitado (...) se a instigadora do movimento, que fôra detida no começo do ano de 1897, como vagabunda (...) tivesse sido submetida a um exame médico-legal."

Benedicta Cypriano Gomes, moça de 20 annos e inculta, começa aos 18 annos, (...) a ser accometida de certos phenomenos patológicos bem conhecidos na nossa medicina, phenomenos esses de que se serviu ella (...) para implantar (...) a desolação e a miseria (...) destarte, até o desasoscego para o Poder Público..."

Desse estado anormal, procurou ella e seus auxiliares tirar proveito e dominar a credulidade individual. Indivíduos analphabetos, facilmente domináveis, ▶

por uma crendice qual-quer (...) voltaram-se para uma superstição perigosa e Benedicta (...). Santa Dica ou Dica (...) os tem em suas mãos, comple- tamente dominados. A cura de moléstias curáveis e incuráveis, os senti- mentos de amor, não fo- ram estranhos a finali- dades do seu objetivo — fas- cinar e subjugar a credu- lidade individual.

Dica fingia-se portadora de

um poder superior, intu- lava-se ou deixava que se intitulassem santa e disso auferia lucro ilícito.

A 'Lagôa' era um lugar de fascinação, de encanto e onde se exercitava o pres- tigio absoluto de Dica, o que, podemos também chamar magia, em seu sentido figurado."

TESTEMUNHA

(Herculano Flores)

"...que calcula em oitocen- tos o número das pessoas já arranchadas na Lagôa, atrahidas pela fama das ocorrências dali, a maio- ria das quais presta cega obediência a denuncia- da..."

Dada a palavra ao advogado dos denunciados por elle foi dito nada ter a pergun- tar.

Dada a palavra á denuncia- da Benedicta (...) por ella foi dito que contestava o depoimento da testemu- nha apenas na parte em que diz o deponente que a maioria dosromeiros que prestam obediência, por- que a ser isso verdade, não haveria resistência á força legal, cuja obediên- cia ella gritava e pedia sem no entanto ser atten- dida."

Está apresentada a mu- lher santa Dica. Estas são as imagens que, juntas, tra- çam o discurso jurídico so- bre a personagem.

O PERFIL DO DISCURSO

Verificaremos o perfil des- sa mulher, construído por- te discurso: as ações mo- bilizadas; as emoções que ela manipulava; como as ma- nipula; com quem é compa- rada para que se afirme a "verdade" desse discurso; que objetivo tinham suas ações; e, finalmente, quem é santa Dica.

1) PERFIL

- menor de idade
- mora com Coxeadó, seu amásio com quem mantém relações ilícitas
- usa seda
- recebe presentes
- embora digam ser donze- la, não tem jeito disso
- porta-se de modo muito reprovável
- anda de automóvel com Coxeadó dando escândalos
- anda a pé com Coxeadó dando a entender que man- têm relações ilícitas
- zomba, dirige insultos e provocações às autoridades
- é hostil ao governo
- usa brilhantina nos cabe- los
- não se porta de maneira honesta
- senta no colo de homens
- beija, chupa beijos e lin- gua
- despreza a casa dos pais
- dorme abraçada com Co- xeadó

Atimosa



SÃO para ella todos os mimos; ella bem o merec. porque é meiga, bôa, carin- hosa. Demais, desde pequenina teve muito delicada saúde o que fazia os paes redo- brarem de carinhos.

Que dores de curvido, Mãe Santissima e que dores de dentes soffreu a pobresinha! Agora tudo isso felizmente acabou. Uma dôse de

CAFIASPIRINA

fal-a em cinco minutos, completamente bôa e restitue-lhe aos labios o sorriso angelico e aos olhos a expressão de alegria.

NÃO AFFECTA O CORAÇÃO NEM OS RINS

E também sem rival contra dores de cabeça, nevralgias, reumatismo. Regu- larizes e circulação e restaura as forças.



Não accelte com- primidos avulsos. Peca o tubo com 20 comprimidos, ou o desenvolvepe "CAFIA- SPIRINA", com dois ou três o disco "CAFIASPIRINA" com um comprimido.

- desperta desconfianças
- inculta
- favorece à prostituição
- vive de lucro ilícito
- adotou uma triste profis- são
- fingida e mentirosa

2) EMOÇÕES QUE DES- PERTA

- amor
- ódio
- inveja
- medo

3) AÇÕES QUE MOBILI- ZA

- promete
- subjugava
- fascina
- influencia
- seduz
- engana
- domina
- finge

4) COMO MOBILIZA

- fazendo com que acredi-

6) OBJETIVO DE SUAS AÇÕES

- tem num imaginário poder
- seduzindo pela sua lábia
- deixando-se auxiliar por pessoas perigosas
- usando a obediência cega que lhe prestam
- servindo-se de um estado anormal
- usando uma superstição perigosa
- utilizando a credulidade do povo
- usando seu prestígio ab- soluto
- praticando a ma- gia/sortilégios

5) COM QUEM É COMPA- RADA

- A mulher de um cabelei- ro, o chamado "médio das flores"
- A iniciadora de uma des- graça, louca, vagabunda, bruxa

— auferir lucros, enriquecer

7) QUEM É ELA

— Ela era "também, uma mulher"

A quem esse discurso jul- ga? A alguém que cometeu uma infração penal ou a uma imagem de mulher?

Esse discurso jurídico jul- ga a mulher, não qualquer mulher, mas aquela que é a OUTRA do referencial ideal no sistema.

De todas as afirmativas que buscam construir a imagem dessa mulher, defi- nindo-a, apenas três reme- tem àquilo que o discurso, respaldado pela lei, utiliza para acusá-la: ela faria uso de uma **superstição peri- gosa**, seria comparável a uma **bruxa** e praticaria a **magia e sortilégios**.

Como a superstição, no Relatório do chefe de Poli- cia, seria o **mote** para o cri- me da qual ela é acusada, **somente nesses poucos liens**, encontramos a pre- sença do delito pelo qual santa Dica é indiciada nesse processo.

Apesar da existência de uma acusação concreta (prática do espiritismo, ma- gia e seus sortilégios) o perfil que se traça, através da **maioria** dos elementos apontados para caracterizá- la, em nada se aproxima dessa acusação.

O fator determinante nes- se jogo de desqualificação de santa Dica serão as imagens que configurarão um mode- lo de mulher que foge às re- gras estabelecidas e que constam daqueles outros tantos itens, fremos nos fi- xar nessas imagens para procedermos à nossa análi- se.

OS ARGUMENTOS ME- DIEVAIS

Jean Delumeau em seu trabalho de elucidação do que seria o "modo memori- al" em relação à mulher produzido ao longo de tem- po nos imaginários sociais, constata como se portavam os produtores de discurso na Idade Moderna quanto à questão da **verdade** femi- na.

"...Tu devias usar sempre o luto, estar coberta de an- draios e mergulhada na pe- nitência, a fim de compen- sar a culpa de ter trazido a perdição ao gênero humano (...). Mulher, tu és a porta do diabo. Fostes tu que tocas- tes a árvore de Satã e que, em primeiro lugar, violastes a lei divina". (2)

Por estar ligada ao pecado original, a mulher estaria condenada ao luto, coberta de andrajos. Como andava santa Dica antes? Segundo o discurso, "maltrapilha", lo- go, mais perto do exigido ar- rependimento por ter nasci- do "filha de Eva". Mas ela mudou, segundo o mesmo discurso, e, agora, dá-se a verdade, usa seda. Usa também, brilhantina, "de primeira qualidade", nos cabelos. Tornou-se uma mu- lher vaidosa.

O que diz o discurso de Ménol, Maillard e Glapion, pregadores dos séculos XV e XVI, sobre a verdade? "A beleza na mulher é causa de muitos males". E brandan-

do contra a moda, dirão que a mulher

"Para se fazer ver pelo mundo (...), terá toda espécie de vãos ornamentos: gran- des mangas, a cabeça atavi- ada, o peito descoberto até o ventre com um **fechu** leve, através do qual se pode ver o que não deveria ser visto por ninguém (...). É (...) em tal libertinagem de trajes que ella passa, o livro de horas sob o braço, diante de uma casa onde há uma dezena de homens que a olham com um olho de cobiça. Pois bem, não há um só desses homens que por causa dela não caia no pecado mortal."

(3)

Como mostra Delumeau, a mulher vaidosa é, no ima- ginário daquela sociedade, a provedora do inferno", pois o "diabo a tem e a ar- restada com ele, atada e acor- rentada". (4)

Em 1930, Álvaro Pelayo padre franciscano atenden- do o pedido de João XXIII, es- creve o **De planctu eccle- siae**, que aponta os "102 vícios" da mulher. Alguns referem-se à questão da va- lidade, como nos mostra a in- terpretação que Delumeau faz da "obra".

"Ela atrai os homens por meio de chamatzes menti- rosos a fim de melhor arras- tã-los para o **abismo da sensualidade**. Ora, não há nenhuma inundicie para a qual a **luxúria** não condu- za". Para melhor enganar, ela se pinta, se maquia, che- ga até a **colocar na cabeça a cabeleira dos mor- tos...** (5) ou a usar brillan- tina..."

Está descoberto! A mulher é vaidosa porque precisa es- conder algo de poder que existe dentro dela. É isso que o discurso de um religi- oso do século X já afirmava:

"A beleza física não vai além da pele. Se os homens vissem o que está sob a pele, viraria o estomago. Quando nem sequer podemos tocar com a ponta do dedo um cuspê ou estercor, como po- demos desajar abraçar esse saco de excremento?" (6)

Vejamos agora alguns tre- chos de outra "obra", essa em versos, redigida no sécu- lo XII, pelo monge Bernard de Morlas, cujo título é **De contemptu feminae**:

"A mulher é uma feroz serpente por seu coração, por seu rosto ou por seus atos.

Uma chama muito podé- rosa rasgêja em seu seio co- mo veneno.

A mulher má se pinta e se enfeita com seus pecados. Ela se disfarça, ela se falsifi- ca, ela se transforma, se modifica e se tinge.

(...)

Mulher pérfida, mulher fé- tida, mulher infecta. Ela é o trono de Satã; o pudor está a seu cargo; foge dela, leitor".

(7)

Toda a ligação já está fei- ta. A mulher, pecadora por natureza, utiliza-se do artifi- cio da verdade para encobrir sua essência ruim. Juntan- do este aos outros qualitat- vos atribuídos à mulher, por esses discursos, chegamos à diabolização de sua ima- gem. São todos esses estere- >

que esses doentes, apesar dessa sua declaração, se deixam ficar na "Lagôa" e por ocasião das conferências dela, declarante, pedem elos aos espíritos que ella encarna os remedios precisos para seus males, remedios

(4) Cime – Pirenópolis – Goiás.
(5) A cidade é de Terutiano, um dos Dou-
tores da Igreja e é encontrada em:
De cultu fœderaturo, em *Corpus*
christianisatorum, serie latina, obras de
Terutiano, l. p. 343. Citado por: Jean De-
lumeau, op. cit. – p. 316.
(6) Casé – Michel Mémot: em *quelle*
langue a-t-il parlé?... Caen, 1879, p.
24 e p. 320-321.
(4) Cf. Jean Delumeau – op. cit. – p. 321.
(5) Idem, ibidem, p. 323, (grifos meus).

(1) *Processo* n.º 651, maio 9 – Cartório
(2) Crime – Piratipolis – Goiás.
(3) A palavra é de Tertuliano, um dos Dou-
los da Igreja e é encontrada em:
Deus ad seculum, de Tertuliano, em *Corpus
christianum*, de Konstantin, p. 316.
(4) *Deus ad seculum*, obra de Ter-
tuliano – op. cit. – p. 343; Cíclio por: Jean De-
lumeau – op. cit. – p. 316.
(5) *Grise* – op. cit. – p. 316.
(6) *Langue a-t-il parlé? ...* *Deuxième*: *en quelle
langue a-t-il parlé?* ... *Crème*, 1879, p.
24 e 25. Cíclio por: Jean Delumeau – op.
cit. – p. 320/321.
(7) *Idem*, Jean Delumeau – op. cit. – p. 321.
(8) *Idem*, *idem*, p. 323 (Joffin vossel).

* ELCONORA ZICARI BRITO é professora do CEUB e mestra em História pela Universidade de Brasília. Endereço para correspondência: SGN 402, Bloco K, Ap. 302 — Brasília-DF.

A pencil sketch of a long, two-story building with a gabled roof and a small porch on the left. The building has several windows and a door. The sketch is oriented vertically on the page.

Em pesquisa que demandou mais de três mil quilômetros em viagens, as historiadoras resgatam os traços culturais e a tipologia de velhas fazendas do cerrado. Neste artigo enfatizam-se as fazendas do planalto brasileiro, entre elas a de Sobradinho e a fazenda Larguinha em Planaltina-DF.

dos royazes (século XVIII) e a construção de Goiânia (ca. 1932).

históricas do devassamento

zes utilizando-se de materiais nobres — como as madeiras-de-lei — e revelando-se dotada de natural engenhosidade.

Quanto à localização das sedes, predominavam as preocupações com a proximidade da água, com a segurança e com a salubridade, variando a posição das edificações segundo a topografia do terreno.

A maior ou menor facilidade de acesso a caminhos e estradas determinaria a possibilidade de intercâmbio regular com a cidade ou vila próxima.

Constatou-se serem extremamente rústicas as fazendas mais isoladas, nas quais inexistia a utilização de materiais industrializados, ainda que a nível elementar.

De igual modo, a observação **in loco** indicou influências das características regionais — de São Paulo ou de Minas Gerais — sobre os padrões arquitetônicos e a distribuição das diversas edificações, sempre de acordo com a procedência dos fundadores das fazendas.

Tipologia.

A partir de tais constatações, e tendo como pano de fundo a história regional, tornou-se possível esboçar uma tipologia preliminar das fazendas antigas de Goiás, a saber:

Quanto ao interesse histórico e documental, registram-se: a) Fazendas do ciclo do ouro, fundadas por bandeirantes paulistas e seus descendentes; documentam o período da ocupação e povoamento inicial da região. Desenvolviam atividades complementares da mineração, ou seja, agricultura e pecuária voltadas para o abastecimento das populações mineiras.

b) Fazendas da fase de transição, surgidas ao longo do século XIX e início do século XX: apresentam características específicas, conforme a procedência dos que as constituíram. São representativas das correntes migratórias que demandaram Goiás nesse período, quando a mineração deixou de ser a principal atividade econômica da região, sendo substituída pela agropecuária.

c) Fazendas que marcam o princípio do processo de modernização de Goiás. As casas-sede dessas fazendas evidenciam influência urbana e são de construção dita "moderna", datando dos anos 30.

d) Chácaras localizadas na periferia das cidades. Apresentam características arquitetônicas diversificadas, sendo algumas delas indicativas da predileção de determinados segmentos das elites urbanas por residências situadas nos arredores das cidades, o que lhes assegurava melhores condições de salubridade.

Para a agricultura e tendo a pecuária como atividade complementar, as Fazendas localizadas em campos e cerrados, com atividades predominantemente pastoris; e as chácaras existentes em áreas próximas das cidades, geralmente servidas por água abundante e solo humoso e fértil, com estilo de vida semi-urbano.

Quanto ao partido arquitetônico, localizaram-se dois tipos predominantes de casas-sede, quais sejam:

Alongada, com varanda posterior, semi-aberta, voltada para o quintal. Esse tipo predomina nas fazendas do século XVIII e início do século XIX e inclui um quarto sem janelas, ou **quarto escuro**, situado no centro da edificação.

E Compacta, de dimensões acanhadas, erguida em terreno plano e apresentando distribuição irregular dos cômodos que dão acesso uns aos outros, sem áreas de circulação; típica de fazendas construídas por mineiros, no século XIX e princípios do século XX.

Do ponto de vista do estado de conservação que apresentavam, as antigas fazendas visitadas agrupam-se em bem conservadas; razoavelmente conservadas; bem degradadas; em processo de degradação com casas-sede abandonadas.

Naquelas ainda habitadas, é elemento obrigatório o **rego d'água**: em algumas, também o **monjolo**, o **forno de barro** e o **fogão de lenha**. Menos frequente é o **engenho de cana**, com moendas de madeira movidas a tração animal ou a força hidráulica. Em uma única sede foi encontrado um **engenho de serra**. Em outras, um **cruzeiro** indicativo de **feitoria**. Em uma terceira, um **cemitério** privado, os **rúnicos túmulos** cercados por **muro de pedras brutas**.

No Planalto Central foram identificados estabelecimen-

mentos rurais no Distrito Federal e em 4 municípios, a saber:

— Fazenda Sobradinho, na cidade satélite de Brasília, com o mesmo nome; — Fazenda Paulista, em Luziânia; — Fazenda Lagoa Bonita ou Laguninha, em Planaltina.

— Fazendas Bonifácio, Mariquita em Jaraguá, onde foram visitadas também a fazenda Rio Vermelho e a chácara da rua das Flores.

— Fazenda Araras, em Formosa. Nesta cidade foi possível obter informações sobre a Fazenda Bom Sucesso, referida como **expressiva**, mas cuja sede já não mais existe.

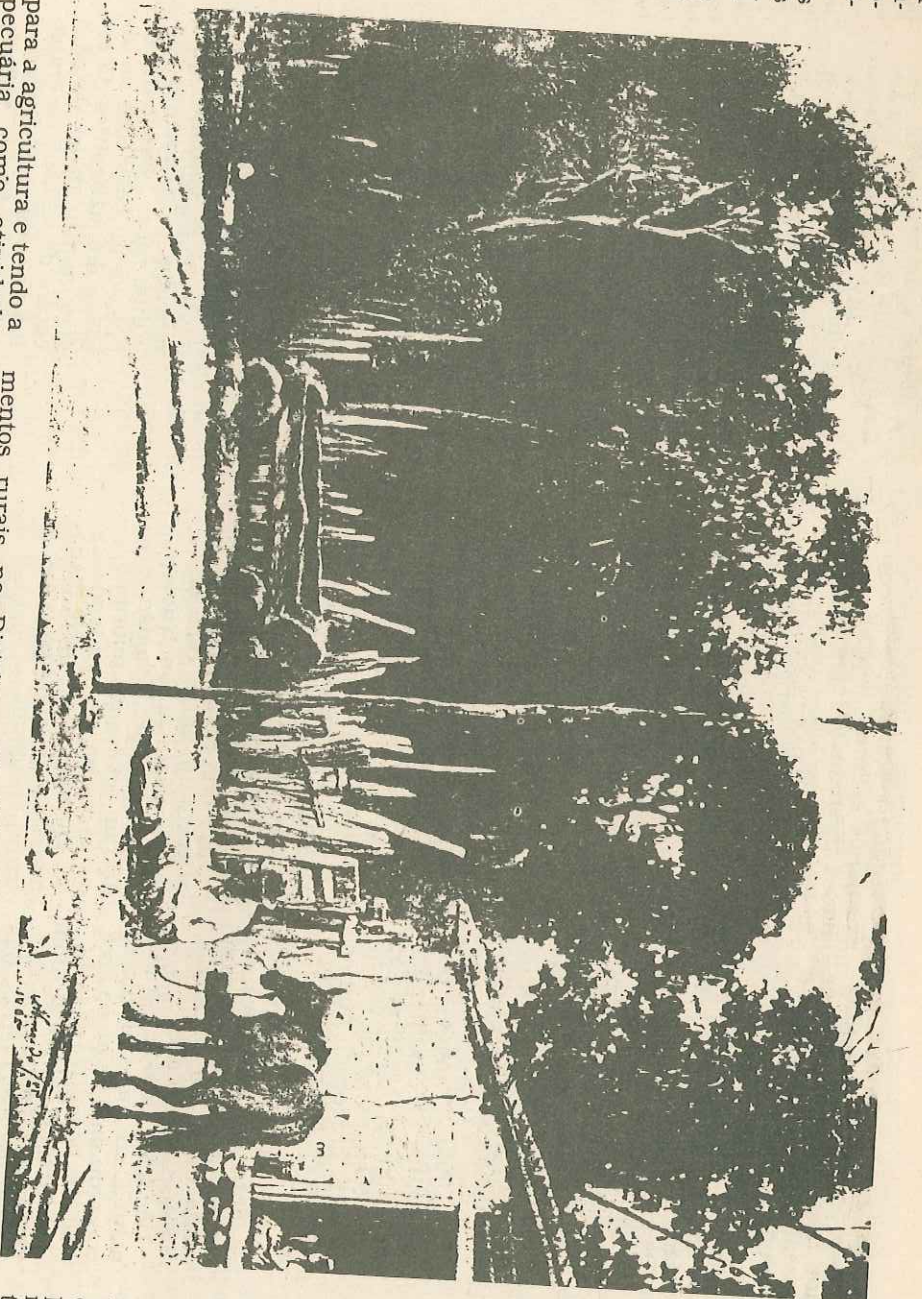
A esse universo, some-se a Fazenda Babilônia situada no município de Pirenópolis e estudada por uma das pesquisadoras, conforme **itinerário** publicado anteriormente (COSTA 1978).

O estudo preliminar dessas fazendas tornou possível classificá-las de acordo com a tipologia ensaiada, a saber:

a) Fazendas do ciclo do ouro — nessa primeira fase do projeto não foi possível visitar, na região do Planalto, fazenda que remontasse ao Século XVIII. As pesquisadoras foram informadas da existência da Fazenda Barreiro (município de Luziânia), fundada no Século XVIII, cujas terras foram loteadas, conservando-se a casa-sede antiga. De igual modo, a Fazenda Riacho Frio, no mesmo município, tem sua história vinculada aos bandeirantes. Deverão ser percorridas durante a execução da segunda fase do projeto.

b) Fazendas da fase de transição do ciclo de mineração para o de economia agropastoril: Sobradinho (Distrito Federal); Mariquita e Bonifácia (Jaraguá); Paulista (Luziânia); Araras (Formosa) e Babilônia (Pirenópolis).

Paísagem rural. Quando a óleo de Almeida Júnior (Séc. XIX. Museu Paulista)



ben conservadas: Mariquita e Bonifácia (Jaraguá); e Lagoa Bonita (Planaltina); razoavelmente conservada a da Babilônia; bem restaurada: Sobradinho, em duas a seguir, em processo de degradação a Fazenda Paulista (Luziânia); e com casa-sede abandonada a Fazenda Araras (Formosa).

A FAZENDA SOBRADINHO

Uma visita, ainda que breve, a essas fazendas antigas do Planalto Central, possibilitaria conhecê-las melhor, em algumas das suas características. O acesso às mesmas, raramente dá-se por estrada asfaltada. Mas é compensador enfrentar a poeira ou a lama dos velhos caminhos que têm nomes tão sugestivos: "estrada salineira", "estrada boadeira"...

— **Fazenda Sobradinho** — localizada na cidade-satélite do mesmo nome, pertenceu a um dos fundadores de Planaltina, bisavô dos proprietários que a venderam — ou tiveram parte das terras desapropriadas — quando da construção de Brasília. As terras foram divididas entre os herdeiros: há 3 casas bem próximas umas das outras, sendo que na sede, maior e mais antiga, residia o casal, morando os filhos casados nas demais.

Essas edificações localizam-se em um vale, na estrada que vai para a Fercal. É região muito irrigada, com córregos, regos d'água e minas que descem dos morros circundantes.

A terra é fértil, existindo nos quintais grande quantidade e variedade de frutas, com destaque para jabuticabas e mangueiras.

O nome da fazenda é explicado como sendo alusivo a um posto de compra do ouro que vinha das minas de Natividade, Crixás, etc. Esse posto ficaria em um sobrado de tapia, à margem do córrego também batizado por Sobradinho.

Outra versão informa que o primeiro dono da fazenda fez plantar um cruzeiro em suas terras e, em um dos braços da cruz, um joão-de-barro construiu um ninho duplo, um "sobradinho". Vale notar que em mapas antigos está assinalado o local denominado "Sobrado", nessa mesma região.

Na fazenda predominavam atividades de pecuária extensiva. Ao lado da casa-sede erguiam-se edificações que abrigavam alojamentos para tropeiros, quartos que eram alugados, uma vez que a "estrada salineira" passava no espigão no morto que se ergue em frente.

Foi possível encontrar vestígios de muros de adobe que indicam o local onde se ergueriam, possivelmente, tais alojamentos.

A Fazenda Sobradinho era auto-suficiente, produzindo todo o necessário para o consumo, com exceção do sal e do trigo. As mulheres fiavam a lã e o algodão produzidos no local, para a con-

não julgou interessante informar sobre a origem da gleba.

O nome — Paulista — refere-se à naturalidade de um empregado que trabalhou para o pai dos proprietários, durante muito anos.

As atividades desenvolvidas privilegiavam a agricultura e a pecuária extensivas. A auto-suficiência da fazenda completava-se no cultivo da cana-de-açúcar, com o fabrico de rapadura e açúcar de forma.

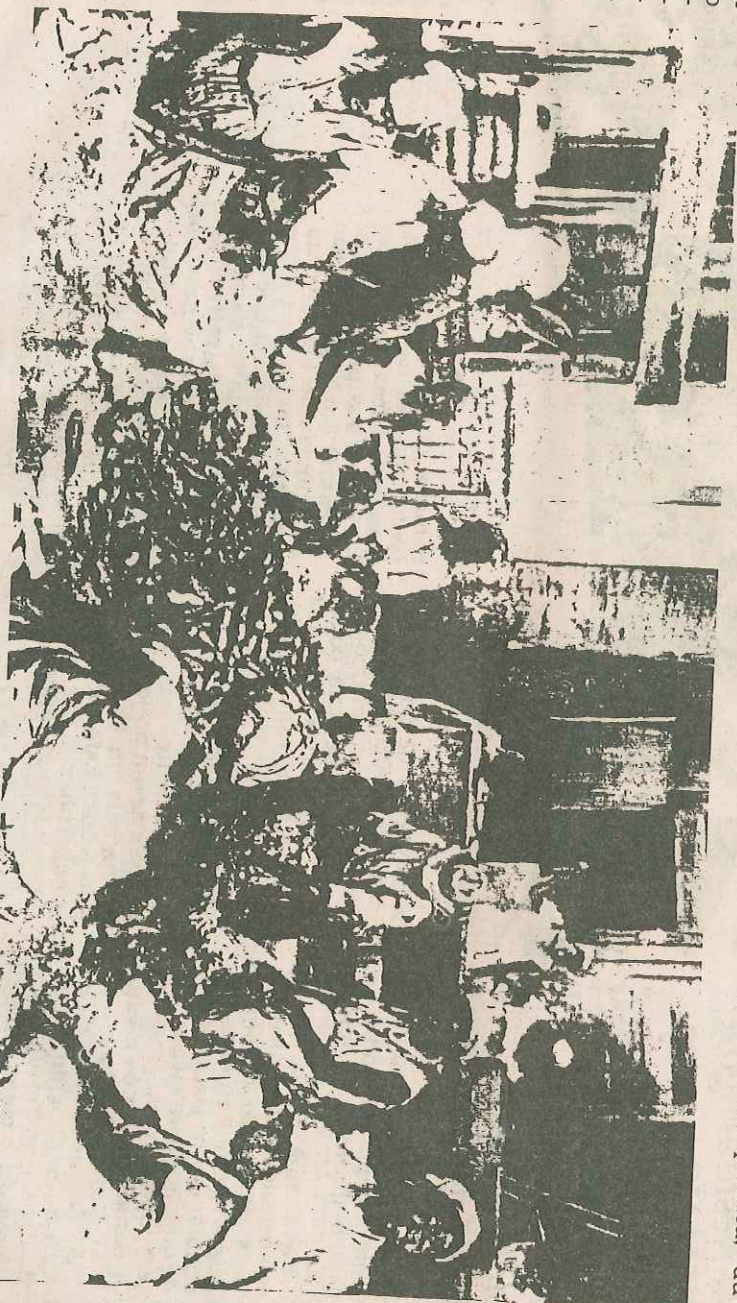
A sede, erguida em uma clareira ampla, delimitada por matas, compreende seis edificações: casa de moradia; paiol; chiqueiro; casa das fôrmalhas de sabão; engenho e conjunto de fôrmalhas e tachas de açúcar; casa de hóspedes. Havia também um monjolo, abandonado e substituído por triturador a gasolina.

A casa-sede é ampla, do tipo alongado (influência paulista) com varanda voltada para um pátio interno, separado do pomar por muro de pedras frias. Compreende seis quartos de dormir e um "quarto escuro", sem janelas, com uma única porta de acesso através da varanda.

As explicações obtidas sobre a utilização desse quarto indicam que o mesmo destinava-se à guarda de valores da família, sendo ocupado, via de regra, pelo casal de proprietários da fazenda. Uma segunda versão diz que era habitado pelas donzela da casa: outros informam ser esse cômodo reservado para as mulheres paridas e seus filhos recém-nascidos. Atualmente, destina-se à guarda de arreios e tralhas diversas.

Fizeram-se alguns acréscimos e modificações na planta original da casa-sede: a cozinha, com fogão de lenha, foi transferida para o lado da antiga despensa, substituindo-se o piso da terra batida por tijolos revestidos com cimento. Ao lado, construiu-se uma cobertura para fôrmalhas onde se ferve a água destinada à limpeza dos porcos abatidos, bem como ao apuro do peixinho para obtenção da farinha (gordura).

Engenho de Mandioca
Quadro a óleo de M. Brocos (Séc. XIX - Museu Nacional de Belas Artes)



orgulho de um dos moradores que o exibiu às pesquisadores. Em todo o conjunto ficam evidentes as dificuldades enfrentadas pelos proprietários que vivem intrinsecamente isolados do meio urbano, imunes a quaisquer inovações. Somente o mais velho dos irmãos vai esporeado radicalmente a Luzânia, não deixando de fazê-lo por ocasião de eleições, quando cumpre convitadamente seu dever cívico.

A fazenda Paulista é exemplar expressivo de estabelecimento pioneiro, que se manteve íntegro até meados do presente século. Com o envelhecimento de seus proprietários e, igualmente, com a marginalização destes no processo modernizador desencadeado por Brasília, a fazenda enfrenta-se em vias de arriamento. É interessante registrar que até os anos 50 o

maciça, sobre suportes feitos com adobes. O engenho é do tipo **almanjara**, localidade por bois, semelhantes a ilustrações do século XVII, reproduzidas por Franginiais, em sua obra clássica (FRAGINIAIS, 1987).

O mobiliário é extremamente tosco, ao que parece feito na própria fazenda, por artesãos locais: catres que têm como estrado tiras de couro trançadas, sobre as quais estendem-se colchoes de palha de milho; enormes tuihas para guardar cereais; mesas de madeira maciça; com gavetas de fechadura; armário embutido na varanda; banca de fazer queijo; banco de potes para água, etc. Na cozinha, há painéis de ferro, tachos de cobre, canecos de alumínio e outros utensílios típicos do meio rural.

O pomar contém grande número de fruteiras variadas, algumas centenárias. Nêle, corre um rego d'água, que passa pelo engenho de cana e pelos vestígios do antigo monjolo para, em seguida, servir à casa-sede. A iluminação ainda é feita com lamparina de querosene e um aladim, motivo de

estilo de vida, no meio rural goiano, pouco dífere daquela predominante ao longo do século XIX, como evidenciam os equipamentos, mobiliário e utensílios existentes na Paulista.

Fazenda Lagoa Bonita, em Planaltina

Fazenda Lagoa Bonita — está situada no município de Planaltina, em região de cerrado típico do Planalto Central, com altitude elevada. Localiza-se nas proximidades da reserva natural de Águas Emendadas, onde se encontram nascentes de cursos d'água que integram as três maiores bacias hidrográficas brasileiras: a Amazônica, a do Prata e a do São Francisco, representadas por diversos rios e ribeiras que a intercorrem. A fazenda está próxima da BR-020, que segue de Brasília para Formosa (GO) e Barreiras (BA).

Compreendia duas glebas de terras — Lagoa Bonita e Mestre d'Armas, adquiridas pelo Dr. Hosannah Guimaraes em 1929/1930. São glebas com documentação muito antiga, proveniente de semnais; os atuais do-

criação de gado e Formosa tornou-se em entreposto de venda para os mercados do Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo. A região é ponto de confluência entre o Sudeste e o Nordeste, recebendo imigrantes fugitivos da seca.

A atividade predominante na Larguinha sempre foi a criação de gado vacum e ca- valos. Ali foram introduzidos o gado zebu e cavalos de raça, sendo das primeiras fazendas goianas a fazê-lo. Atualmente, desenvolve pecuária de leite, em pequena escala.

A paisagem da região é típica do cerrado. No entorno da casa-sede há árvores frondosas (ficus) provenientes de mudas que foram doadas ao proprietário pelo Diretor do Horto Florestal de Goiânia, em 1949.

O Dr. Hosannah Guimaraes, fundador da fazenda, é médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu em Planaltina e para lá regressou, depois de formado, passando a exercer a profissão, sem cobrar honorários.

Filho de fazendeiros, tornou-se também fazendeiro. Ingressou na política, du-

rante o Estado Novo, como elemento de conciliação entre famílias rivais, exercendo o cargo de Intendente (Prefeito) de Planaltina. Em 1946, foi eleito Vice-Governador de Goiás, na chapa de Coimbra Bueno. Quando este licenciou-se para disputar o Senado, assumiu o Governo do Estado.

Em 1948 — quando era Vice-Governador — o Dr. Hosannah teve como hóspede, na Larguinha, a Comissãõ comandada pelo general Polí Coelho, que veio ao Planalto Central com o objetivo de estudar a melhor localização para a futura Capital: se em Paracatu, se em Arruani, ou se na região demarcada pelo Quadrilátero Cruls, nas proximidades de Planaltina.

Para receber a Comissão, foi construída uma pista de aterrissagem, próxima a cidade e instalada uma esta-

ção de rádio na Larguinha. A Comissão veio em dois aviões e hospedou-se, por duas ou três vezes, na fazenda, onde havia mais confort do que nas casas da cidade.

A sede da Larguinha foi construída aproximadamente em 1934. Compreende a casa-sede, paiol, curral, silos e casa de caseiro. A casa-sede denota influência francesa, assemelhando-se a fachada às dos pequenos **chalets**, erguidos nas ruas 19 e 20, quando da construção de Goiânia. O telhado é movimentado; apresenta cobertura de telhas de barro, do tipo canal, que substituíram as primitivas, de fabricação artesanal, maiores do que as atuais.

O projeto arquitetônico da casa-sede é tipicamente urbano. Todos os cômodos são pequenos, se comparados aos padrões vigentes na maioria das fazendas goianas. A sala da frente servia de sala de espera; no compartimento contíguo funcionava o consultório médico.

A casa-sede da fazenda Larguinha (Lagoa Bonita) é exemplar de uma fase de transição entre o tradicional e o moderno. Foge aos padrões regionais — a casa, pequena, tem confortos que somente algumas décadas depois chegariam às pequenas cidades de Goiás. De outra parte, a associação do exercício de profissão liberal com a política e com as atividades rurais merece ser estudada, pois irá generalizar-se em Goiás, a partir das décadas de 40 e 50.

O partido arquitetônico da casa-sede é tipicamente urbano. Todos os cômodos são pequenos, se comparados aos padrões vigentes na maioria das fazendas goianas. A sala da frente servia de sala de espera; no compartimento contíguo funcionava o consultório médico. As paredes são de alvenaria de tijolos. A sala e os quartos têm tábuas corridas, em duas tonalidades, produzindo um belo efeito. Portas e janelas (venezianas) têm folhas duplas e recebem pintura na cor **grenat**. Há vitrais no banheiro e na cozinha.

Na cozinha, há uma barra lisa, com pintura a óleo; junto a uma das paredes, vê-se um fogão capbara, de modelo mais elaborado do que o usual, com forno e chaminé. Sobre o mesmo, uma serpentina com encanamento para água quente. Ao ser construída, a sede dispunha de energia elétrica, proveniente de gerador, e água encanada, canalizada de nascente próxima.

* A profª Lena Castelo Branco F. de Freitas é doutora em História Social pela USP. A profª Nancy Ribeiro de Araújo e Silva é mestra em História e professora da UFPA. Endereço para correspondência: SGN 306, Bloco J, Ap. 404.

Fronteira em movimento:

a Amazônia no século XIX

VALÉRIA CARVALHO

Universidade de Brasília

A criação da Província do Amazonas em 1850 deslanchou rapidamente a expansão brasileira no Norte e no Noroeste da Amazônia. Neste artigo a profª VALÉRIA CARVALHO mostra os traços gerais dessa expansão e os movimentos iguais e contrários empreendidos pelo Peru, Bolívia, Venezuela e Colômbia na conformação das lindas Amazônicas.

O deslocamento interno da fronteira na Amazônia brasileira, em direção ao norte e noroeste amazônicos, começou a ampliar-se a partir da década de 1850. O crescimento paulatino da borra-cha determinou a ocupação de novas áreas e repercutiu sobre toda a vida social da região. A nova direção da economia foi acompanhada por decisões político-administrativas, tanto do governo central quanto dos governos regionais, que vieram a caracterizar uma superação da tradicional organização sócio-política herdada da época colonial.

Da mesma forma, foram estabelecidos os pontos básicos do comércio com os países vizinhos, núcleos que articularam a possibilidade de uma fronteira viva em determinadas áreas.

A Amazônia após a Independência

A Amazônia brasileira, após o rompimento político do Brasil com Portugal, continuou a ter como base administrativa a Província do Pará e o atual Estado do Amazonas, constituía uma comarca sob sua jurisdição, denominada Rio Negro.

Na época da transferência da Corte portuguesa para o Brasil, a Amazônia encontrava-se numa fase de decadência econômica, originada por uma retração dos mercados consumidores do cacau, seu principal produto de exportação. Esta situação agravou-se com a instalação da Corte no país, quando a região se viu obrigada a um esforço de guerra na ocupação portuguesa da Guiana Francesa (1808-1817), o que também contribuiu para a recessão agrícola. As adversidades dessa economia ditada ao mercado externo em retração não foram menos importantes que as disputas políticas decorrentes do processo de Independência.⁽¹⁾ A elite amazônica passou a indicar, neste momento, que o reerguimento de sua economia e a criação

de condições de governabilidade dependiam de uma reorganização político-administrativa, de uma política de transportes e de uma redefinição do espaço político e econômico regional.

A consciência de que havia necessidade de uma redivisão territorial apareceu concretamente em 1826, através de um projeto para a autonomia da Comarca do Rio Negro. Esta medida era compartilhada por agricultores e comerciantes do Rio Negro e políticos do Pará.⁽²⁾ Em 1828, o presidente da Província, Paulo José da Silva Gama, Barão de Bagé, em ofício ao ministro do Império expôs a situação daquela comarca e sugeriu um governo separado do Pará, nos seguintes termos: "Esta Província do Rio Negro deve merecer a particular atenção do Ministro de Sua Magestade não só em razão dos meios que ela oferece para se tirar partido de suas grandes produções naturais como por ser a nossa fronteira nesta parte do Brasil com a República da Colômbia. Ela não pode absolutamente ser dirigida pelo Governo do Pará, o qual a quinhenas léguas de distância,

nenhuma providência a pôs para ali dar, ou seja para sua defesa na guerra, ou para a sua prosperidade na Paz. O Rio Negro precisa sem dúvida de um governo separado."⁽³⁾

No momento em que surgiu a proposta de reorganização administrativa da Amazônia, a Província do Pará, como outras do Império, apresentava uma instabilidade política que, no presente caso, canalizou-se no movimento social da Cabanagem. A região esteve conflagrada praticamente durante quase toda a década de 1830 e somente em 1837 o governo central iniciou uma contra-ofensiva militar. No ano seguinte, foi instalada a Assembleia Provincial, que aprovou algumas medidas ainda tímidas para a recuperação da economia regional, como incentivos às firmas que instalassem a navegação a vapor. A falta de capital, no entanto, inviabilizou estas propostas.⁽⁴⁾

Após a Cabanagem, as povoações e áreas rurais encontravam-se arruinadas, não apenas pela falta de mão-de-obra mas, também, pela destruição das culturas e do gado. Estima-se que cerca de 30.000 pessoas morreram na guerra civil que dominou toda a região amazônica.⁽⁵⁾ Entre as soluções para a sua recuperação voltou a ser debatido o problema da criação da Província do Amazonas.

Em 1839, foi apresentado um novo projeto à Assem-



RÔMULO ANDRADE

bléia Geral e o argumento daqueles que defendiam a sua criação, era o estado de decadência da região em comparação com o período colonial. Além disso, surgiu de forma mais clara a idéia de que a segurança e manutenção da soberania territorial brasileira na Amazônia relacionavam-se com a melhor administração. A expansão de ingleses e franceses no norte, a partir de suas colônias já estabelecidas na área, era uma das principais preocupações do proponente do projeto.⁽⁶⁾

A oposição ao projeto na Câmara dos Deputados, embora apontasse para a necessidade de uma nova divisão territorial do país, considerava a idéia prematura, pois as próprias condições da região não justificavam a medida. Indicava-se a falta de população, comércio e indústria e levantava-se o argumento de que a Comarca do Rio Negro não teria número suficiente de homens capazes para construir a Assembleia Provincial.

Entretanto, quatro anos depois de apresentado o projeto de criação da Província do Amazonas, este foi aprovado na Câmara dos Deputados, em julho de 1843. Contudo a medida só seria aprovada no Senado sete anos depois, em 1850, quando se apresentou uma conjuntura política e perspectivas econômicas que redireccionaram a posição do governo.⁽⁷⁾ Esta e outras

medidas mentada na lei local, inflexão, de 1850. Amazônia primeiras gração do co.

Primeiro integral fluvial Belém,

período, mas imp nia bras com a de borracha, controlad comercial fora de se riais. Por borracha metade da porto de E da "Compu nas", ligauas a par facilitar a e novas p ram-se ao racha. Al centros e Santarem, surgiram c

ntos dos potes, dev portos par nha, pequen onde a pop comercial. A Provin só foi atim cussões ec manda exti no início da Quando fo 1852. Man

to mil hab de, segund de Lourerq jo, conslava e 16 ruas e por calçar Tenreiro A governador comprou a encontrou i período em apenas um

podão, o andoca e ram cultura ra o uso e co va para a grande quara o café, a godão mal consumo, e gêneros e a de cultura t (...)"(10)

Esta descr Arian mos to de crise c gional tradi zons, que s alguns ano 1850, a prod da borracha Belém e Ilha partir daí, r ram atingidid Província do tração do lát reção dos rios jós e encon possibilidade de ocupação dos do Amazona Purus. Essa acompanhad bilidade int população at distribuição e putação emp ta da seringa. Com a nov economia, i surge a nece

medidas que seriam implementadas, em nível nacional e local, marcariam uma inflexão, a partir da década de 1850, na história da Amazônia brasileira, com as primeiras ações para a integração do espaço amazônico.

Primeiros passos na integração do espaço fluvial

Belém, que fora desde o período colonial o núcleo mais importante da Amazônia brasileira firmou-se, com a demanda externa da borracha, no papel de centro controlador da produção e comercialização, dentro e fora de seus limites territoriais. Por volta de 1851 a borracha perfazia quase a metade das exportações do porto de Belém. Os vapores da "Companhia do Amazonas", ligando Belém a Manaus a partir de 1852, veio a facilitar a expansão interior e novas povoações integraram-se ao comércio da borracha. Além dos antigos centros coloniais, como Santarém, Cametá e Obidos surgiram outros em muitos pontos dos trajetos dos vapores, devido à criação de portos para a tomada de lenha, pequenos núcleos para onde a população afluía para comercializar.⁽⁸⁾

A Província do Amazonas só foi atingida pelas repercussões econômicas da demanda externa da borracha no início da década de 1860. Quando foi instalada, em 1852, Manaus possuía quatro mil habitantes e a cidade, segundo o testemunho de Lourenço da Silva Araújo, constava de "uma praça e 16 ruas estreitas, e ainda por calçar e iluminar".⁽⁹⁾ Tenreiro Arahna, primeiro governador da Província, comparou a situação em que encontrou a região com o período em que esta era apenas uma Capitania: "O todo, o anil, o café, a andioca e o tabaco tiveram cultura tal que dava para o uso e consumo, e sobrava para a exportação em grande quantidade (...). Agora o café, a mandioca, o algodão mal chegam para o consumo, e todos os outros gêneros e artefatos, a falta de cultura tem desaparecido (...)."⁽¹⁰⁾

Esta descrição de Tenreiro Arahna mostra um momento de crise da economia regional tradicional do Amazonas, que seria modificada alguns anos depois. Até 1850, a produção comercial da borracha esteve restrita a Belém e ilhas próximas. A partir daí, novas áreas foram atingidas na própria Província do Pará onde a extração do látex tomou a direção dos rios Xingü e Tapajós e encontrou maiores possibilidades na província do Amazonas, iniciando a ocupação dos rios Madeira e Purus. Essa expansão foi acompanhada por uma mobilidade intra-setorial da população ativa e uma redistribuição espacial da população empregada na coleta da seringa.⁽¹¹⁾

Com a nova dinâmica da economia, imediatamente surge a necessidade de am-

pliar a oferta de mão-de-obra. A força de trabalho disponível, constituída basicamente pelos indígenas e raros escravos negros, em pouco tempo foi canalizada para a coleta da borracha. Com a coleta da borracha, a integração da Província do Amazonas ampliou-se as políticas oficiais para incorporar os indígenas à nova atividade econômica. Os "descimentos" ocorriam tanto no País como em zonas não demarcadas das fronteiras. A base legal era o Regulamento de 1845, que em teoria e prática recuperava o sistema idealizado por Pombal, em 1755. A estratégia baseava-se no reforço militar dos pontos fronteiriços, no fomento das Missões e no trabalho compulsório dos indígenas em obras públicas, como o Forte de Cucui. Em 1852, conforme o presidente da Província do Amazonas, encontravam-se instaladas, em precárias condições, cinco Diretorias de Índios e apenas três missões. Quatro anos depois, havia 24 Diretorias, abrangendo 24 aldeias e seis mil 748 indígenas aldeados. A "nacionalização" dos indígenas impunha-se não somente pela necessidade de mão-de-obra. Nesse sentido é ilustrativo o comentário do presidente da Província do Amazonas, Sinval Odorico de Moura, ao aceitar a vantagem do estabelecimento de missões do rio Purus. Segundo ele, "o resultado imediato seria termos um acréscimo de 12 mil produtores e mais tarde 12 mil defensores da fronteira".⁽¹²⁾

A captura de indígenas levou aos primeiros conflitos fronteiriços com as repúblicas vizinhas. O governo co-

lombiano, em 1854, queixou-se do fato de que se faziam incursões no seu território pelo lado do Brasil. Segundo o Governo brasileiro, o encaregado da direção da aldeia dos índios de Japacoá, nas margens do Içá, atraía alguns índios estabelecidos "no território que se repete granadino". Esta questão não se limitou ao espaço interno. Através da Colômbia, atingiu também a outras repúblicas vizinhas. O fenômeno persistiu até o final do século sendo, inclusive, objeto de acordo entre os governos brasileiros e peruano, em 1891.⁽¹³⁾

O encontro das fronteiras

As relações comerciais entre os países hispano-americanos e o Brasil acompanharam o ritmo da demanda externa da borracha e, em menor grau, de outros produtos de extração vegetal e animal como a salsaparrilha, as peles de animais e a mantiga de tartaruga. A exportação de gêneros agrícolas, como o algodão e o tabaco, foi decrescendo, à medida que ampliava-se a exportação da seringa. Gradualmente o Brasil tornou-se a principal via de escoamento da produção do vale amazônico e as cidades de Belém e Manaus passaram a concentrar a maior parte das transações econômicas financeiras da região.

O estabelecimento de navios a vapor, integrando o Brasil aos demais estados amazônicos, incrementaria as relações e incorporaria, pouco a pouco, os núcleos de povoação destes países à economia gomífera. Em alguns trechos, articulava-se a possibilidade de formação de fronteiras vivas.

Peru

A movimentação de pessoas de diversas nacionalidades em Tabatinga, fortaleza erigida na fronteira entre o Brasil e o Peru em fins de século XVIII, pausou surpresamente no viajante alemão Robert Avé-Lallemant que ali esteve em 1859. Eram brasileiros, indígenas, peruanos, franceses, húngaros, alemães, e norte-americanos, entre outros. Indagava-se o estudioso: "Que poderia ter reunido toda essa gente naquela lon-gínqua fronteira?"⁽¹⁴⁾

Tabatinga, último ponto brasileiro da linha de vapores ligando Manaus a Nauta, anteriormente reduzida ao Forte e ao destacamento policial, alterou-se com a introdução da navegação a vapor. Avé-Lallemant descreveu estas modificações. Segundo o viajante, nos últimos dias antes da chegada do vapor, aportava um igarapé após outro, descendo o Solimões, trazendo chapéus e salsaparrilha do Peru. A margem morta do forte passava, então, a apresentar intensa atividade. À noite, conforme Avé-Lallemant, os índios peruanos armavam suas tendas na margem do rio, enquanto os comerciantes faziam suas camas numa "casa aberta da nação", ao mundo dos "cavaleiros orientais".⁽¹⁵⁾

O isolamento da zona oriental peruana constituía o principal obstáculo para o estabelecimento de relações regulares com a costa do país. As vias de comunicação interrompiam-se ante à cordilheira dos Andes e para se chegar a Moyobamba, antiga capital da Província Litoral de Loreto e em cuja

jurisdição encontrava-se quase toda a Amazônia peruana), as dificuldades iniciavam-se na localidade de Balsaporto, situada naquela cordilheira. Daí por diante, segundo Avé-Lallemant, começavam os maiores tropeços. Não havia muires e estes de nada adiantariam em alguns trechos da montanha. A utilização dos indígenas como carregadores era a única forma de se transportar as mercadorias. Conforme o viajante, um negociante precisava às vezes de 300 a 400 índios.⁽¹⁶⁾

Ahora este caminho, cujo trajeto era percorrido aproximadamente em 11 semanas a partir de Tabatinga, existiam outras duas linhas conhecidas de comunicação do vale do Amazonas à Cordilheira. Conhecido por caminho do centro, ligava a cidade de Huanuco, situada sobre os Andes, a Tingo-Maria, no rio Huallaga, afluente do Marañón. Este caminho era um pouco melhor que a via para Moyobamba, mas apresentava-se menos povoado. O outro caminho, que estabelecia a ligação do rio Utrubamba a Cuzco, admitia passagens de animais por todo o trajeto e era mais habitado.⁽¹⁷⁾

Em 1866, a Província Litoral de Loreto foi elevada à categoria de Departamento, subdividida em quatro províncias. Estas eram a de Moyobamba, cuja capital era povoação de mesmo nome, a de Huallaga, com capital em Tarapato; a do Alto Amazonas, capital Balsaporto; e a do Baixo Amazonas, sendo sua capital Iquitos, empório da região. Segundo o deputado brasileiro Tavares Bastos, do Partido Liberal, que neste



É frequente a invasão de cerrados na região amazônica. Desenho de Fernando Medeiros

mesmo ano de 1866 esteve em Iquitos, a localidade compunha-se de casas de boa aparência. Alguemas, conforme registrou, eram ladrilhadas e assoalhadas. O povoado possuía uma serra na qual se estava montando. A coleta de borracha já havia alcançado esta área, sendo sua introdução atribuída ao brasileiro José Joaquim Ribeiro. **"que se estabeleceu com uma colônia de brasileiros já afeiços à extração da goma elástica".**

A introdução da extração da seringa diminuiu, com o passar do tempo, a confecção dos chapéus de palha, principal atividade da Província de Loreto. Além da borracha e chapéus, a Amazônia peruana exportava salsaparrilha, tabaco, algodão e tecidos deste produto, fio e redes de tucum, manteiga de ovos de tartaruga, peles de animais, entre outros. Em troca, levavam basicamente produtos de luxo, estrangeiros, como o vinho, licores, louça, ferro e cobre em folha.

Estimava-se, na década de 1860, que muitos benefícios poderiam advir através do comércio de importação e exportação da república do Peru pelo Amazonas. Na avaliação de Tavares Bastos, um sexto do comércio externo peruano poderia se realizar por aquela via, e dos 14 departamentos em que se encontrava dividido aquele país, a nove interessariam a navegação do Amazonas. O comércio do trânsito do Peru pelo Amazonas representava, em fins da década de 1850, a terça parte dos carregamentos dos vapores de Manaus com destino a Belém. (24)

O valor total do comércio de exportação-importação do Peru com o Brasil foi crescente. Pequena oscilação verificou-se entre os anos de 1865-1870, momento de rompimento formal das relações dos dois países, quando se apresentaram dificuldades na demarcação de suas fronteiras e ainda, o protesto peruano à convenção de limites assinada pelos governos boliviano e brasileiro, em 1867.

Mesmo contando com impeditos naturais que dificultavam a ligação da Amazônia peruana à costa desse país, o governo peruano esteve atento à dimensão que a via do Amazonas poderia representar à unidade territorial e procurou implementar políticas com o fim de estabelecer uma melhor administração, principalmente na Província de Loreto.

A instalação da navegação a vapor ligando Manaus a Nauta, embora tivesse facilitado o transporte de mercadorias e animado o comércio de madeiras para suas caldeiras, não conseguiu nos primeiros anos modificar a situação de decadência de alguns povoados situados ao longo dos trajetos dos vapores, em território brasileiro. Os pontos de escalas dos na-

vios até a fronteira com o Peru eram Coary, Telfé, Fonte Boa, Tonantins e Tabatinga. O aspecto dessas povoações foi considerado por Avé-Lallemand (que esteve na região após cinco anos de funcionamento da linha, com exceção de Tabatinga), como "miserável". A cidade de Telfé, fundada pelo jesuíta espanhol Samuel Fritz, e núcleo florescente no período colonial, foi descrita pelo viajante como "uma triste aldeia de índios". (25) Na realidade, os maiores benefícios do comércio se situavam nos pontos terminais da linha, ou seja, Manaus, Belém e Tabatinga.

— Bolívia

A Amazônia boliviana, à semelhança da peruana, possuía, como principal obstáculo à sua vinculação com o altiplano a cadeia andina. A insularidade deste país, entretanto, acentuava a necessidade de uma saída para o mar. A via do Amazonas, uma das soluções possíveis, foi explorada pelos governos da Bolívia. Esta opção tinha porém, como principal impeditivo, as vinte cachoeiras do Rio Madeira, que impossibilitavam a navegação de grandes embarcações e, por conseguinte, o fácil acesso ao mar.

Os governos bolivianos estiveram atentos a esta possibilidade, deslanchando medidas que vissem a assegurar o acesso ao Amazonas e de seu território. Em 1844, no governo de José Ballívar, foi criado o Departamento de Beni, que incluía a região amazônica, e realizadas explorações na região dos rios Madeira, Mamoré e Beni, pelo coronel Augustin Palacio. Seguiram-se as explorações do francês Granddier e do norte-americano Gibbon, respectivamente em 1861 e 1852. Ambos concluíram que a construção de uma estrada para animais seria uma solução para superar as cachoeiras do Madeira.

Estes obstáculos e a ausência de convenções regulando o comércio e navegação com o Brasil não impediram que produtos bolivianos atingissem as capitais da Amazônia brasileira. Entre eles se podia encontrar o couro de veado, sebo, fumo, charutos, açúcar, charque, cacau e gado. Províncias dos Departamentos de Beni, Santa Cruz e Cochabamba, já em 1858, o presidente da Província do Amazonas, Francisco José Furtado, assinalava a necessidade de estabelecer-se vapores em direção ao Madeira, até a primeira cachoeira, e ao Rio Purus, outra via de acesso à Bolívia.

Por esta época a região banhada por estes rios estava também sendo explorada por brasileiros. Em 1852, Rodrigues de Medeiros e Serafim Salgado foram incumbidos pela presidência do Amazonas de reconhecerem o Tapajós e o Madeira, visando, através do Abacaxi, encontrarem passagem a salvo das cachoeiras. Apesar de não terem encontrado o caminho, Serafim Salgado

chegou até a maloca dos índios Cucumans, que lhe pareceram pertencem à Bolívia. Um nova tentativa foi feita em 1861, através da exploração do Purus por Manoel Urbano. Em seu relato registrou que após chegar ao Ituxi viajou mais 38 dias até encontrar o afluente Acre. Perto do Rixala, Manuel Urbano soube estar próximo da povoação peruana de Sarayaco, de onde retornou sem encontrar a referida passagem. (26)

Neste mesmo ano de 1861 a Província do Amazonas enviou o engenheiro Silva Coutinho para um novo reconhecimento do Purus e do Madeira. Este concluiu que o melhor meio para transportar as cachoeiras seria a construção de uma ferrovia. A ideia, compartilhada pelo general boliviano Gueñin Guerrero, (que também explorou o Madeira neste momento, viabilizando o projeto de trazer para o Amazonas todo o comércio externo da Bolívia. As negociações entre os governos boliviano e brasileiro para sua construção seriam efetuadas somente na década seguinte, mas, a partir de 1865, o Rio Madeira passou a ser navegado pelos vapores da "Companhia do Amazonas".

Os gêneros provenientes do Brasil, conforme ato do governo vizinho, estariam isentos de direitos por um período de dez anos. Quatro anos após, em 1869, a navegação a vapor foi estendida ao Purus, através da "Companhia Fluvial do Alto Amazonas", recém-fundada em Manaus.

Por esta época a presença de brasileiros nos rios Purus e Madeira, empenhados na extração da borracha, ainda era pequena. O primeiro assentamento no Purus data de 1852, quando o pernambucano Manoel Nicolau instalou-se no lago Aiapiá. Em 1857, o cearense João Gabriel de Carvalho e Melo, incentivado por Pereira Labre, estabeleceu-se perto da foz do Purus, no Itapá. No entanto, foi com a fundação de Lábrea, no entrocamento do Ituxi, que teve impulso a expansão brasileira pelo Purus e seus afluentes, entre os quais o Rio Acre. Instalada em 1870 pelo tenente-coronel Pereira Labre, coadjuvado por Manoel Urbano — de que Euclides da Cunha considera muito maior seu papel de fundador de povoados de comarca. (30) Lábrea viria a ser o ponto de expansão do povoamento dos afluentes do Purus.

Um dos principais afluentes do Rio Purus foi o Rio Acre, cuja área se tornaria objeto de disputa dos governos brasileiro, peruano e boliviano. Mas, em 1863, Silva Coutinho, após retornar de uma exploração neste rio, afirmava que o seu comércio ainda era diminuto. (31) A extração da seringa tomou impulso no Departamento de Beni por volta de 1872 quando ali instalaram-se os irmãos Suarez que, em pouco tempo, dominariam o comércio da borracha. (32) Uma característica política

que se afirmaria, no que concerne à ação dos governos bolivianos, foi a de sempre manter aberta a possibilidade de saída para o Atlântico, via Amazonas.

— Venezuela e Colômbia

O rio Negro, via de acesso à Venezuela e, por seus afluentes, à Colômbia, passou, a partir de 1855, a ser navegado pela "Companhia de Navegação do Amazonas". As povoações situadas à margem deste rio, fundadas no período colonial, encontravam-se em estado de decadência. As escalas da nova linha de navegação eram as povoações de Tauapessassu, Airão, Moura, Carvoeiro, Poyares, Barceiros, Moreira, Tomar e Santa Isabel. Para a segunda via-gem foram suprimidas as escalas de Carvoeiro e Poyares, devido a sua inutilidade. (33) O naturalista inglês Wallace, que explorou o rio Negro até a localidade de Yavita, na Venezuela, entre os anos de 1848-1852 anotara a situação de Carvoeiro. Era, segundo o cientista, uma aldeia desolada e semi-deserta, como de resto quase todas as que se encontravam à beira do Rio Negro. Apenas duas famílias residiam ali, a de um ferreiro e a de um brasileiro que, embora se apresentasse como sendo o capitão Vasconcelos, não passava de um peão bem humorado e cordial. (34)

A povoação de Barcelos, que chegou a ser a sede da capitania do Rio Negro não possuía, também, aspecto diferente. Encontrava-se, segundo Wallace, quase inteiramente despovoada e ainda se viam jogados na praia, diversos blocos de mármore trazidos de Portugal para ornar prédios públicos que nem sequer chegaram a ser edificadas. As antigas ruas, bem traçadas conforme o naturalista, já haviam se transformado em meros caminhos que atravessavam uma verdadeira selva de laranjeiras e outras árvores frutíferas, entremeadas de casais e altas ervas tropicais. As casas, que não haviam desabado, não passavam de arruinados casebres de barro, salientando-se aqui e ali uma ou outra casa melhor acabada e pintada de branco.

De Barcelos até Marabitanas, ponto militar acima de Santa Isabel, a situação dos vilarejos não diferia e, segundo Wallace, do forte ali erguido pelos portugueses só restavam "os remanescentes de uma muralha de barro e um pequeno destacamento de soldados". San Carlos, "a principal cidadezinha venezuelana do Rio Negro", possuía outro aspecto. Constatava de uma praça espaçosa e ruas paralelas. O edifício principal e o Convento eram ocupados por um Comissário e a praça era mantida limpa e todas as casas caiadas de branco. No seu conjunto, segundo Wallace, a vila era bem mais limpa do que aquelas que havia encontrado no Brasil. Pela manhã, diariamente,

tocava o sino chamando para as matinas. Os "jovens", de ambos os sexos reuniam-se na igreja e entoavam hinos. Aos domingos, a igreja ficava aberta para todos, sendo as cerimônias realizadas, conforme o naturalista, pelo comissário e "alguns índios" auxiliares. (35)

As relações comerciais da Amazônia venezuelana com Manaus e Belém eram anteriores à introdução do vapor. Os povoados de San Carlos, Turiquin, San Miguel, Tomo e Maroa, eram habitados quase que exclusivamente por construtores de canoas, que as exportavam para Manaus e Belém, carregadas de placaba, breu e farinha. Esta linha de vapores entre Manaus e Santa Isabel, devido ao pequeno lucro que proporcionava, foi suprimida em 1858 e somente seria reinaugurada pela "Companhia Fluvial do Alto Amazonas" em 1869. Em direção à Colômbia somente foi estabelecida a navegação a vapor em 1877, através de uma concessão especial do governo brasileiro ao cidadão colombiano Rafael Reys, que na década de 1900 ocuparia a presidência daquele país. Anteriormente à introdução da navegação a vapor, as relações comerciais entre a Colômbia e Manaus eram realizadas através de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, afluente do Solimões, na confluência com o Peru. Nesta navegação a remo estavam envolvidos colombianos, peruanos e brasileiros.

O volume de embarcações registrado na época representava, em certo sentido, o movimento de expansão. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, transitaram entre os anos de 1855-56 apenas duas em barcações. Para a fronteira de Tabatinga, zona com o Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram pelo forte de São Gabriel, localizado no rio Vaupés, fronteira com a Colômbia. A ação do governo brasileiro na Amazônia, a partir da década de 1850, permitiu o fortalecimento de sua posição frente aos países vizinhos, ao marcar de fato sua presença na zona fronteiriça. Esta ação foi acompanhada pelo amadurecimento dos princípios e da política que seria defendida frente aqueles países, tendo como contraponto, nesse momento, o aumento das pressões internacionais para a abertura da navegação do rio Amazonas.

* VALÉRIA CARVALHO é mestra em História e professora da UnB. Encontra-se atualmente na Itália para um curso de doutoramento. Endereço para correspondência: Departamento de História, Universidade de Brasília, Campus da UnB — Asa Norte — Brasília-DF.

1926

MARILDA PALÍNIA
(Maria Paula Fleury de Godói)
MODERN GIRL

15 anos:

magra
serpentina
leve.

Pinta o cabelo
pinta as pálpebras e as sobrancelhas
pinta as faces
pinta a boca
pinta as unhas
pinta... o sete.

Estiliza o gesto
estiliza o olhar
estiliza a voz
estiliza o sorriso
estiliza o andar.

Brços nus
o colo nu
nuas as pernas
o cérebro nu.

— Menina?
— Mulher.

20 anos:
coração insensível
cansado
gasto

sem sonhos
sem ideal
sem emoções.

Esgotou a taça da Ilusão
sorvendo de um trago
febrilmente
freneticamente
desvairadamente
inconscientemente
o delicioso veneno
diluído do vinho
forte do Amor.

— Mulher?
— Mulher.



DIETA

1990

TEREZY FLEURI DE GODOI

Cafezinho e pão de queijo...
que prazer eu antevejo

quando visito mineiro
ou goiano quituteiro,
gentil "causeur",
"bon gourmet",
melhor que eu, que você...

Jogo pro alto a dieta,
(não nasci para asceta),
e se o médico me assusta
me chamando de "robusta",
me lembra o colesterol,
(mais franco que um espanhol)

me previne contra o enfarte,
usando de toda arte,
decidido que AMANHÃ,
consciente, mente sã,

comerei apenas folha,
não tenho outra escolha,
tudo com gosto de alpinista...

Ai! Como isso é triste!

SOMMER 81

Sofá

desilusões na vida.

Vou lhes dar um conselho. Há na
vida conjugal, três fases distintas —
e, na conformação com estas três
fases, reside, meus caros, o segredo
da felicidade conjugal.

A primeira fase dura do dia da
união ao 5º ano de casados: é a do
amor ardente, apaixonado.

A segunda, do 5º ao 10º, é a do
amor sereno, tranquilo, confiante.

A terceira, isto é a do 10º em
diante, a da amizade sincera, calma
e doce. Esta última fase de prolon-
gará até às bodas de ouro ou de
diamante, se, imprudentemente,
um dos conjuges não se revoltar
contra esta lei natural, querendo
prolongar mais a primeira ou a se-

gunda. Então, entrará no casal a
desarmônia, e começarão as rus-
gas, os malentendidos, as discus-
sões, perigando a felicidade e a paz
da terceira fase, — a mais duradou-
ra e, talvez, a mais feliz...

AMELIA

(interrompendo)

— Qual, vovó, isso é amor do seu
tempo? Agora é muito diferente!

ROBERTO

(apaixonado)

— A nossa lua de mel será eterna;
não é assim, minha queridinha?

AMELIA

— Oh! Decerto, meu amor!

AVO

— Ilusão, meus netinhos, pura
ilusão!...

P
O
E
T
A
S

Maria Abadia Silva

Eu venho de uma geração de mulheres mudas
e olhos grandes com olheiras.
Não são mulheres tristes
nem omíssas, são companheiras.

O silêncio das nossas mulheres
contém obstinações, preconceitos e evasões
sufocadas pelo tempo

Mas nossas mulheres de hoje
têm contornos de vozes e aura de liberdade
visíveis em suas filhas

Sirlei Maria Davi

Não temo o momento em que perceber flácidos os
meus seios
nem, quando, no espelho, notar a ruga
que se incute ao alongar de meus olhos.
Não temo, tão pouco, quando se fizerem presentes
os primeiros fios de cabelos brancos.

Não temo, igualmente, o instante
em que sentir um ritmo menos veemente
nas excitantes palpitações de meu corpo.
Nem temo o dia em que for chamada de vovó
nem temo o momento em que tiver tempo
de sentar para fazer tricô.
Temo, muito menos, a lentidão que se fizer
acompanhar aos meus passos.

Temo, contudo, e temo fortemente
o derradeiro momento em que não for digna de um
abraço.

Aquele momento,
tempo equiparado ao dos olhos se abrindo,
em que eu fechar meu coração para o amor,
em que eu não me sensibilizar com a dor,
em que eu consentir visualizar o horror deste mundo,
em que me negar a acolher um irmão moribundo,
em que o perdão eu não mais puder dar,
em que meu filho não mais tiver motivos para me
admirar,
em que meu ser,
por demais maltratado,
resolver recolher-se
e não mais se apaixonar.

Rosemary Miranda

Conhecem todos:
meninos, crianças, velhos e jovens
Eu quero declarar a todos
que sou fraca aparentemente,
mas por dentro, sou o ser mais forte
da terra
Que meu cérebro é pequeno
mas pensa e raciocina rápido
como um tiro
Que minhas mãos delicadas
acartilham, mas também sabem ferir
Que meu corpo é frágil,
mas enfrenta lutas
Eu reproduzo seres humanos, como
você

Tenho sexo diferente, seios que
alimentam
pele macia, cabelos sedosos,
boea pequena, língua ferina
Sim, sou o ser belo da terra,
motivo de inspiração dos poetas
Sou MULHER, senhores,
com muito prazer
e venho de uma luta
de milhares de anos,
onde minhas roupas foram rasgadas
meu coração estrçalhado milhares de
vezes,
meus filhos arrancados dos meus
braços,
meu corpo, virgem, violentado,
meus ossos quebrados, minha voz
cassada,
o sim ocupando o lugar do não
Agora, chegal
Venci a luta,
sou mulher
Quero o meu troféu,
quero minha glória, quero o meu trono,
quero reinar com vocês